

wookacontece

Gratuita
Bianual
Maio 2025
Número 14



5 1601023180126 1
80125.10

wook

Entrevistas exclusivas
João Pedro Vala
Luísa Sobral

Novidades
Wook vamos
ler esta
primavera

Prémio Wook
Novos
Autores

UMA MORTE ACONTECE E É PRECISO MERGULHAR
NO PASSADO PARA CHEGAR À VERDADE.

LOURENÇO SERUYA

AUTOR *BESTSELLER* DA SÉRIE INSPETOR BRUNO SARAIVA

MORTE NAS CAVES

HÁ SEGREDOS QUE O TEMPO NÃO APAGA.

 Porto
Editora



20 Entrevista João Pedro Vala

2 Wook vamos ler...
esta primavera

28 **Livros Cruzados**
Escritores
portugueses

10 **Maternidade: ternura,
desejo e conflito**

30 Entrevista
Luísa Sobral

14 **Guia de sobrevivência
para leitores na
primavera**

34 Wook se escreve
na **Argentina**

18 **Prémio Wook
Novos Autores**

38 Invasão das **Air Fryers**
às cozinhas portuguesas

26 **Japão: O destino de
férias preferido dos
leitores da WOOK**

40 **Estou vivo
e escrevo sol**
Poema de António
Ramos Rosa

wook
vamos
ler...

esta

Primavera!

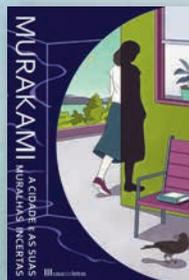
LITERATURA



O Meu Nome é Emilia del Valle

Isabel Allende

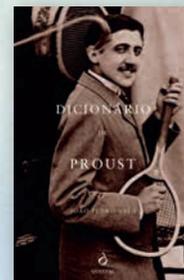
Emilia del Valle é uma jovem independente que desafia as normas sociais do seu tempo para seguir a sua verdadeira paixão: a escrita. Como jornalista, parte para o Chile para cobrir a iminente guerra civil, mas, à medida que o conflito se intensifica, vê-se em perigo de vida e numa encruzilhada, colocando em questão a sua identidade, as suas raízes e o seu destino.



A Cidade e as Suas Muralhas Incertas

Haruki Murakami

A história começa com um casal apaixonado: um rapaz e uma rapariga. Nos breves encontros entre os dois, a jovem revela ao rapaz a existência de uma misteriosa cidade rodeada de uma alta muralha, situada num outro mundo. Um dia, como que por magia, a rapariga desaparece. Perdido de amores, o rapaz parte em busca da cidade na esperança de reencontrar a amada. Conseguirá encontrá-la?



Dicionário de Proust

João Pedro Vala

João Pedro Vala, vencedor da primeira edição do Prémio Wook Novos Autores, lança-se, nas suas próprias palavras, num «exercício interpretativo da obra de Proust», e de A a Z apresenta-nos o essencial sobre um dos autores que inventaram a modernidade. Cem anos depois da sua morte, este é o essencial de Proust para quem o leu, para quem nunca o leu e para quem o leu há muito tempo.



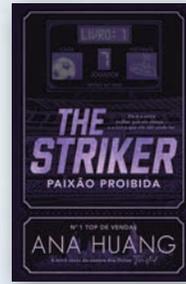
Filha da Louca Maria Francisca Gama

Esta é a história de uma família: de um pai e marido que não sabia ser melhor, de uma filha que se esforçava por cumprir todos os papéis e de uma mãe e mulher que, aos olhos de todos, era louca. Depois do sucesso de *A Cicatriz*, Maria Francisca Gama regressa com uma narrativa comovente sobre como a infância e a adolescência se entranham em nós e sobre o peso do passado e da família.



Uma Vida Incrível e Maravilhosa Emily Henry

Alice é uma eterna otimista que sonha ser escritora. Hayden é arrogante e talentoso, vencedor do Prémio Pulitzer. Os dois vão competir pela oportunidade de uma vida: escrever a biografia de Margaret Ives, uma mulher que ninguém vê há anos, antiga princesa dos tabloides e filha de uma das famílias mais lendárias (e escandalosas) do século XX. Mas estará ela disposta a revelar a verdade?



The Striker – Paixão Proibida Ana Huang

Quando Asher Donovan, o melhor futebolista da atualidade, conhece Scarlett, a irmã do seu grande rival, a química entre ambos é imediata. E completamente interdita. Ela é a única mulher que ele deseja... e a única que ele não pode ter. Depois do sucesso das séries *Twisted* e *Kings of Sin*, Ana Huang regressa com uma nova série, com o desporto de alta competição como pano de fundo.



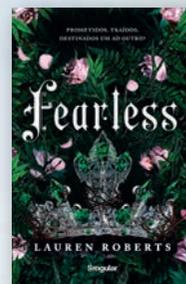
Apesar do Sangue Rita da Nova

Glória está a envelhecer e é no neto que recaem todas as suas preocupações: se ela desaparecer, quem vai cuidar dele? Quem vai tomar conta de Pedro, o rapaz que todos escolheram abandonar? O que resta a uma criança quando todos desistem dela? Numa história contada a várias vozes, Rita da Nova reflete sobre o abandono, a perda e o verdadeiro significado da família.



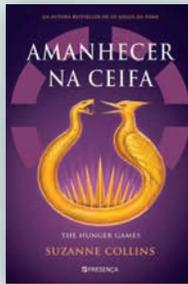
Um Amor de Perfeição Sarah Adams

Annie é uma florista numa pequena cidade que procura o seu par perfeito. Mas encontrar o homem de sonho num sítio em que todos se conhecem é mais difícil do que parece. Sem sucesso no mundo dos encontros, pede ajuda a Will, um sexy, tatuado e deslumbrante guarda-costas que está temporariamente de regresso à cidade. Poderá ele ajudá-la a encontrar o seu «felizes para sempre»?



Fearless Lauren Roberts

Paedyn e Kai estão de volta ao Reino de Ilya. Paedyn estava preparada para uma sentença de morte, não para um pedido de casamento. Após ter matado o rei, casar com Kitt era a última coisa que ela – ou o reino – esperava. Agora tem de fazer uma escolha que mudará o seu destino e o de todos os que a rodeiam para sempre. Na batalha entre o amor e a lealdade, quem ganhará?



Amanhecer na Ceifa

Suzanne Collins

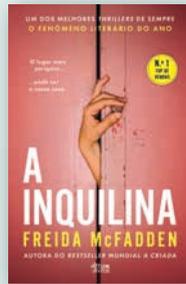
O dia dos Quinquagésimos Jogos da Fome está a chegar. No Distrito 12, Haymitch é chamado, afastado da sua família e da rapariga que ama, e enviado para o Capitólio com outros três tributos do seu distrito. Quando os Jogos começam, Haymitch percebe que foi preparado para falhar. Mas há algo nele que quer lutar... e fazer com que essa luta ecoe muito para além da arena mortal.



Duas Coroas Enlaçadas

Rachel Gillig

Para salvarem o reino e aqueles a quem amam, Elspeth e Ravyn terão de se aventurar para lá da perigosa floresta envolta em neblina que circunda Blunder, pondo em risco as suas próprias vidas. Contudo, o único capaz de os guiar por esse labirinto é o monstro que partilha a mente de Elspeth... um ser que esconde intenções e planos que ninguém pode antecipar.



A Inquilina

Freida McFadden

Blake tinha tudo: uma carreira de sucesso, uma noiva encantadora e a casa dos seus sonhos. Mas, de repente, tudo muda e vê-se obrigado a alugar um dos quartos da casa que partilha com a sua noiva. É então que aparece Whitney. Ela é tudo o que procuravam: bonita, simpática, educada. A inquilina perfeita. No entanto, a sua presença traz consigo algo que não bate certo...

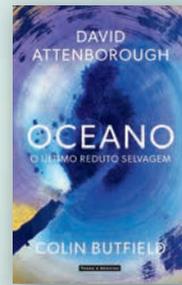


Uma Catastrófica Visita ao Zoo

Joël Dicker

Para assinalar o fim das aulas, a turma de Joséphine faz uma visita de estudo ao jardim zoológico. Porém, o passeio, que tinha tudo para ser divertido, rapidamente se precipita numa catástrofe. Que aconteceu ao certo? Por que se revestem todos os acontecimentos de um secretismo absoluto? Vários anos mais tarde, Joséphine, já adulta, decide contar tudo num livro.

NÃO-FICÇÃO



Oceano

David Attenborough e Colin Butfield

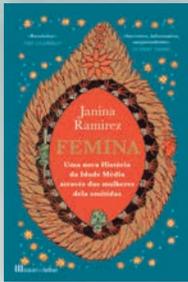
Em maio de 2025, mês em que completa 99 anos de uma vida intensa, Sir David Attenborough lança um livro totalmente dedicado aos oceanos. Mergulhamos em oito *habitats* de água salgada, nadamos entre mangais e barreiras de coral, até aos mais profundos cantos de ecossistemas inexplorados. Narrado com o seu habitual entusiasmo e inteligência, este é o seu legado para a consciencialização da importância da vida e preservação dos oceanos.



Prepara-te para a Vida

Dr. Álvaro Bilbao

Álvaro Bilbao, doutorado em Psicologia, neuropsicólogo, pai de três filhos e autor do *bestseller* *O Cérebro da Criança Explicado aos Pais*, oferece neste livro, de forma clara, simples e cheia de bom humor, as ferramentas que já ajudaram muitos jovens e adolescentes a orientarem-se num momento-chave das suas vidas.



Femina

Janina Ramirez

Janina Ramirez, historiadora da Universidade de Oxford, descobriu inúmeros nomes de mulheres influentes apagados dos registos históricos, com a palavra *Femina* anotada ao lado. Da realeza e da religião à fama e à fúria, este livro revela por que é que estas mulheres notáveis foram afastadas da nossa memória coletiva.



Quem Foi?

**Dr. Gareth Moore
e Laura Jayne Ayres**

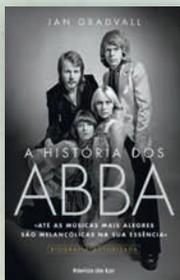
Quem foi? é a questão que o acompanha ao longo dos 10 casos misteriosos que tem de desvendar com a ajuda da senhora Whistable. Tem mais de 80 enigmas e *puzzles* para resolver e perceber quem é o culpado. Para não ficar aborrecido, tem assassinios, roubos, falsificações e muito mais para se entreter e divertir. Aceita o desafio?



Não Basta Fechar a Boca

Eva Lau

Eva Lau desconstrói a obesidade e explica o que está por detrás desta doença. Ao longo do livro, partilha estratégias para aplicar no dia a dia, ajuda-o a compreender e controlar o apetite, manter os resultados a longo prazo sem o efeito ioiô, traçar objetivos realistas e aprender a escolher os alimentos e combiná-los para tirar o máximo proveito.



A história dos ABBA

Jan Gradvall

Através de entrevistas exclusivas e mais de uma década de pesquisas, o jornalista Jan Gradvall explora os segredos que levaram ao sucesso explosivo e intemporal dos ABBA. Conheça os pensamentos e as opiniões dos elementos da banda e o contexto em que a sua música se desenvolveu, numa viagem que nos leva também pela História da Suécia e da globalização da cultura *pop*.

SAÚDE



Pele Me Quer, Bem Te Quer

Iolanda Pereira

Um livro pensado para alcançar uma pele saudável, radiante e feliz sem complicar nem gastar muito dinheiro. Iolanda desenhóu um guia prático para compreender e saber quais os melhores cuidados a aplicar dependendo do seu tipo de pele, abordando a acne, a rosácea e o envelhecimento. Ajuda ainda a construir uma rotina adaptável à sua pele e vida.

DESENVOLVIMENTO PESSOAL



Manifesto de Amor-Próprio

Sonya Renee Taylor

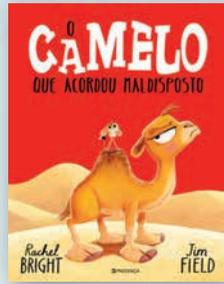
Este livro, com reflexões profundas e ferramentas práticas, não é apenas sobre aceitação corporal, é sobre justiça, liberdade, empoderamento e positividade do corpo. O amor-próprio não é um destino ao qual tenta chegar, é aquilo que já é. Recupere o seu direito inato de amar e honrar o seu corpo sem reservas, sem desculpas e sem vergonhas.



Quando as Mulheres Despertam

Dra. Shefali

Desde pequenas, as mulheres são ensinadas a agradar aos outros e a reprimir as suas verdadeiras emoções e desejos. A sociedade impõe papéis de “boa filha”, “boa esposa”, “boa mãe”, que muitas vezes não correspondem à sua verdadeira essência. Se deseja tomar as rédeas da sua vida e tornar-se a protagonista da sua própria história, este livro é para si.



O Camelo que Acordou Maldispósito

Rachel Bright e Jim Field

Um pequeno camelo acorda a sentir-se mesmo maldispósito! Esta é a premissa deste livro. Está cheio de calor. Está cansado e não vai querer andar! Haverá alguém que o faça mudar de ideias? Ou alguém que lhe possa explicar que basta um sorriso para dar a volta à situação? Às vezes, escolher a alegria pode transformar um começo difícil num final muito feliz.



Asas de fogo – A profecia dos dragonetes

Tui T. Sutherland

Os ovos de cinco dragonetes escolhidos foram roubados dos seus ninhos e escondidos durante anos para cumprir uma profecia. O dragonete AsaLama sabe que decorre uma guerra entre as tribos de dragões — uma guerra que ele e quatro outros estão destinados a terminar. Mas será que todos os dragonetes estão disponíveis para cumprir o seu destino ou escolhem a liberdade?

INFANTIL



A História de Um Girino

Sarah Tagholm e Jane McGuinness

Um livro para acompanhar o ciclo de vida do girino ao sapo, numa história divertida e irresistível. Se fôssemos um girino, diríamos: «Primeiro, estamos muito bem a relaxar no ovo com os nossos irmãos ovos e, de um momento para o outro, crescem-nos caudas e transformamo-nos em girinos! E depois ficamos muito apertadinhos no ovo...». E depois?



Super-Charlie – Livro 1

Camilla Läckberg e Millis Sarri

Charlie é o bebé mais invulgar do mundo: finge babar-se e fala como um bebé, para que ninguém desconfie de nada, sobretudo os pais, mas em recém-nascido caiu-lhe um pó de estrela mágico e tornou-se um super-herói com poderes incríveis. Quando o seu querido irmão mais velho tem problemas, ele percebe que é hora de o Super-Charlie entrar em ação...

GASTRONOMIA

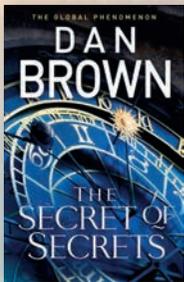


Refeições em 30 Minutos: Air Fryer Saudável

Nathan Anthony

Air Fryer, refeições saudáveis e rápidas? A combinação para abrir o apetite a todos que folheiam o livro. Tem receitas de comida-conforto para dias em que precisa de comida para a alma, para *brunchs* e almoços simples e saborosos, ou para quando não sabe o que servir a convidados de última hora. Tudo em menos de 30 minutos e com sabor garantido.

wook vamos ler esta primavera... em inglês



The Secret of Secrets

Dan Brown

Mais de oito anos depois do seu último livro, *The Secret of Secrets* marca o aguardado regresso de Dan Brown, um dos autores mais vendidos em todo o mundo. Nesta nova aventura do célebre professor de Harvard, Robert Langdon acompanha Katherine Solomon a Praga para uma palestra, mas vê-se subitamente envolvido num mistério inquietante, depois de esta desaparecer sem deixar rasto. Numa cidade marcada por séculos de lendas, igrejas imponentes e passagens subterrâneas labirínticas, o especialista em simbologia terá de enfrentar forças sombrias numa estonteante corrida contra o tempo, para salvar a mulher que ama e o futuro da Humanidade.



Rewind It Back

Liz Tomforde

Hallie e Rio conhecem-se desde crianças: começaram por ser amigos, apaixonaram-se um pelo outro, mas acabaram de coração partido e afastaram-se. Seis anos depois, Hallie consegue um estágio de sonho como *designer* de interiores em Chicago e acaba, sem querer, a viver ao lado de Rio, que é agora um jogador de hóquei profissional. O pior? O novo projeto de Hallie consiste em renovar a casa dele... Forçados a conviver, os dois têm inesperadamente uma nova oportunidade para recuperar o que perderam, mas terão coragem para isso? *Rewind It Back* é o quinto e último livro da apaixonante série Windy City, que já conquistou mais de um milhão de leitores em todo o mundo.



Bury Our Bones In The Midnight Soil

V. E. Schwab

Da autora do *bestseller* *The Invisible Life of Addie LaRue*, chega-nos um novo romance que entrelaça três histórias ao longo de vários séculos. Em 1532, Maria – vista pelos homens como pouco mais do que um adorno – não hesita em agarrar a oportunidade de mudar de vida, quando um estranho lhe estende a mão. Em 1827, Charlotte troca a segurança da sua infância por algo proibido, com consequências mais profundas do que alguma vez imaginou. Já em 2019, Alice procura um novo começo ao entrar na universidade, mas os estranhos acontecimentos de uma única noite obrigam-na a enfrentar o passado e lançam-na numa busca por vingança. Cruzando diferentes géneros, *Bury Our Bones in the Midnight Soil* é um romance que explora a imortalidade e o desejo, e que a autora descreve, com humor, como o seu livro sobre «vampiras lésbicas e tóxicas».



Vanishing World

Sayaka Murata

Num futuro próximo, Amane vive numa sociedade onde a maioria das pessoas é concebida por inseminação artificial, em casamentos "limpos", sem sexo. Os seus pais, no entanto, quebraram o maior tabu: conceberam-na de forma apaixonada. Apesar disso, Amane tenta encaixar-se, mantendo um casamento "limpo". Tudo muda quando descobre Eden, uma cidade onde os habitantes são inseminados em massa (incluindo os homens, com úteros artificiais) e as crianças são criadas de forma coletiva e anónima. Mas conseguirá a protagonista encontrar aqui o admirável mundo novo com que sempre sonhou? Da autora de *Convenience Store Woman*, esta é uma história surpreendente que expõe alguns dos aspetos mais bizarros da nossa sociedade.



Chainsaw Man, Vol. 18

Tatsuki Fujimoto

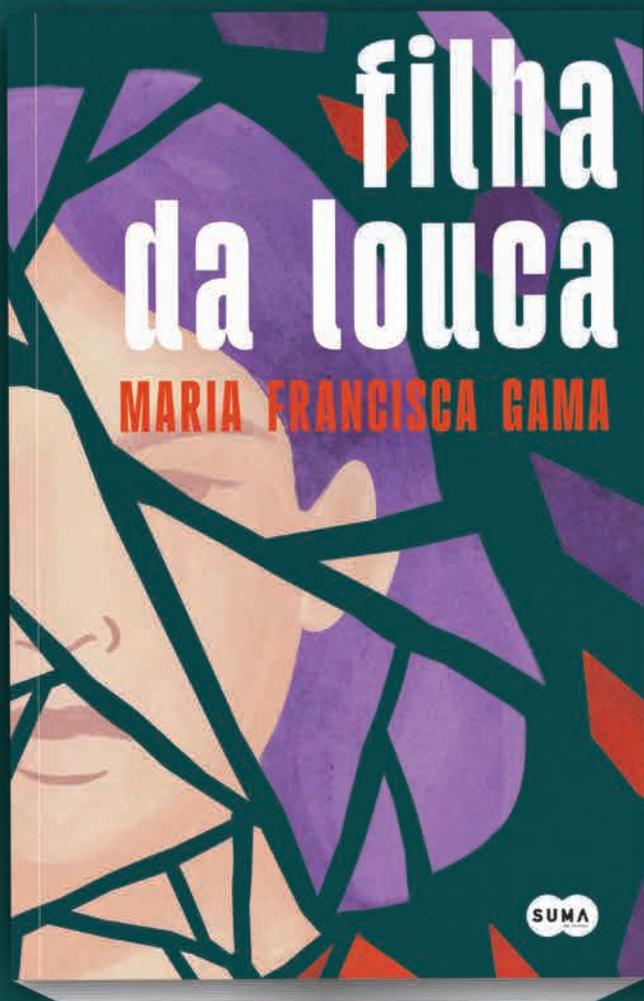
Ambientada numa versão alternativa de 1997, onde a União Soviética ainda existe, *Chainsaw Man* é uma aclamada série de manga que segue Denji, um adolescente pobre. Após perder o pai e ser traído pela Yakuza, Denji sobrevive graças a Pochita, um cão-demónio que se sacrifica para o salvar, fundindo-se com ele. O jovem renasce como o híbrido Chainsaw Man e junta-se à Divisão Antidemónios da Segurança Pública, vivendo pela primeira vez com algum conforto, mas sempre sob ameaça de morte, por ser agora, tecnicamente, um demónio. Neste novo volume, o mundo mergulha no caos. Com Denji e Nayuta em perigo, Asa e Fami tentam salvá-los, mas, para isso, vão precisar de novos aliados.



Notes To John

Joan Didion

Em novembro de 1999, Joan Didion começou a consultar um psiquiatra, numa altura em que atravessava um período particularmente difícil. Durante os meses seguintes – e ao longo de mais de uma década – registou estas sessões num diário, onde abordou temas como o alcoolismo, a depressão, a ansiedade, a culpa, a sua infância e a relação complexa com a filha, Quintana. Tornado agora público, este diário revela, com a precisão e a elegância que definem a sua escrita, facetas até então desconhecidas de Didion. É mais um testemunho íntimo e corajoso da autora de *The Year Of Magical Thinking*, em que a sua voz única, de uma clareza inconfundível, se mantém lúcida mesmo diante da dor.



Da autora d'*A Cicatriz*

chega um novo romance familiar
carregado de dor, enganos e loucura.



A maternidade sempre ocupou um lugar paradoxal no imaginário cultural: é exaltada como ápice do amor altruísta, mas é vivida muitas vezes como uma experiência ambivalente, feita de tensão e de perda. Pensadoras feministas do século XX diagnosticaram as contradições profundas da maternidade. Simone de Beauvoir denunciou o mito da maternidade como instrumento de opressão, expondo o conflito entre

e memórias de Angelika Schrobsdorff, Pilar Quintana, Rachel Cusk, Elena Ferrante e Deborah Levy, a figura materna surge não como ideal sagrado, mas como campo de conflito, desejo e até ruína pessoal. Cada uma destas autoras explora, num tom literário singular, as ambivalências de ser mãe – seja pela ausência devastadora, pela violência latente ou pelo anseio impossível de conciliar liberdade individual e dedicação materna.

“a mais selvagem das ironias”: a sociedade exalta a mãe devota, porém esta pode sentir-se alienada de si mesma ao viver integralmente para os filhos. No caso de Leda, o conflito interno leva à fratura concreta do laço familiar (o abandono temporário), e a narrativa explora as consequências psicológicas dessa ausência materna – culpa, alívio, liberdade e perda entrelaçam-se. A ambivalência materna, aqui, não é falha moral, mas condição quase

MATERN

ternura,

a realização individual da mulher e o destino biológico que lhe é imposto. Adrienne Rich, ao escrever a partir da sua experiência, cunhou a expressão “sofrimento da ambivalência” para a condição materna – aquele ir e vir “entre o ressentimento amargo... e a gratificação feliz e a ternura”. Julia Kristeva, nas suas reflexões psicanalíticas, definiu a mãe como “uma separação contínua, uma divisão da própria carne”, sugerindo que a identidade da mulher-mãe vive em permanente fratura. Essas perspectivas críticas – de Beauvoir, Rich, Kristeva – fornecem uma moldura para entender as complexas representações da maternidade em diversas obras contemporâneas. Nos romances

Elena Ferrante, em *História da Menina Perdida*, oferece talvez o retrato mais visceral desta ambivalência. A protagonista, Leda, é uma mulher intelectual que relembra o período em que abandonou temporariamente as filhas pequenas para procurar a sua própria realização. Ferrante mostra o que há de mais cru e até violento na experiência radical que pode ser a maternidade, despindo-a de romantizações. A “mãe real” de Ferrante ama as filhas, mas sente que a maternidade a sufoca – um fardo que fere a sua subjetividade. O sentimento de Leda ecoa aquilo a que Adrienne Rich chamou

inevitável perante o peso da maternidade. Ferrante, em sintonia com teóricas como Beauvoir, sugere que a vocação maternal não é instinto infalível, mas uma construção social que pode entrar em colisão com os desejos individuais da mulher.

Angelika Schrobsdorff, ao reconstituir a vida da sua mãe Else em *Tu Não és Como as Outras Mães*, reforça a ideia da maternidade como escolha passível de ser contestada, e fora do padrão. Else, jovem burguesa judia na Berlim dos anos 1920, «fez duas promessas a si mesma: viver a vida intensamente e ter um filho de todos os homens que amasse». Ou seja, decidiu experimentar a maternidade em termos próprios,

desejo

guiada pelo desejo e não pela norma – uma radicalidade que a tornava «uma mãe diferente de todas as outras». Nessa biografia romanceada, ser mãe não implica abnegação da aventura pessoal: Else tem múltiplos amantes e filhos de pais distintos, numa afirmação de liberdade que choca a sociedade conservadora. No entanto, a trajetória desta mulher livre acaba atravessada pela História: com a ascensão do nazismo, ela precisa de fugir e vê

Adrienne Rich de que «os meus filhos causam-me o sofrimento mais requintado... é o sofrimento da ambivalência». Else viveu esse sofrimento ambivalente: a mesma paixão que a fazia desafiar convenções como mulher acabou por ameaçar, involuntariamente, o bem-estar da sua prole. A maternidade, nesta história verídica, não salva nem redime – pelo contrário, é cenário de conflito e fendas, onde o desejo feminino e as exigências

mesmo o impulso maternal mais terno pode transbordar em cólera e agressividade. Quando a cadela desaparece na selva ou se comporta de modo independente, Damaris sente «um rancor digno das mais profundas traições». O monstro interior, alimentado por anos de frustração e inveja, desperta nela. A autora observa que «essa agressividade instintiva também faz parte da maternidade» e que a sua obra

VIVÊNCIA:

a sua família desintegrar-se. Exilada e empobrecida, Else arrepende-se de não ter conseguido proteger os filhos do caos mundial. Aqui, a maternidade aparece também ligada à ruína – não apenas a ruína externa (a guerra que destrói o seu mundo), mas a implosão do ideal romântico que Else buscava. O destino trágico mostra o alto preço de uma maternidade vivida como transgressão: o desejo de liberdade esbarra nas duras realidades sociais, partindo a vida em «duas vidas» (antes e depois do exílio) e deixando cicatrizes de culpa. A figura de Else encarna a tensão entre desejo e cuidado – uma mãe que ama intensamente os filhos, mas cuja busca de realização pessoal inadvertidamente os expõe ao risco. Schrobsdorff, sem moralismo, pinta essa mãe real em toda a sua complexidade, em consonância com a observação de

maternas colidem dramaticamente. Se a ambivalência interna dilacera muitas mães nestas obras, há também situações em que a própria relação mãe-filho se tingem de violência – seja ela simbólica ou literal. **Pilar Quintana** explora esse lado sombrio em *A Cadela*, romance curto e contundente. Nele, a protagonista, Damaris,

busca tornar «menos idealizado – e mais complexo – o retrato que se faz das mães». Em *A Cadela*, o amor e o ódio andam lado a lado: a protagonista ama ferozmente a sua “filha” adotiva, mas é capaz de odiá-la com igual ferocidade quando se sente rejeitada.

e conflito

Madalena Sá Fernandes

é uma mulher que nunca conseguiu engravidar e, aos quarenta e poucos anos, adota uma cadelinha para suprir o vazio. A cadela, a quem Damaris dá o nome que teria dado à filha, torna-se objeto de um amor febril – e de sentimentos sombrios, quando esse “filho” canino frustra as expectativas da protagonista. Quintana mostra com crueza que

A maternidade é mostrada, assim, como lugar de violência simbólica, um campo onde operam forças primitivas que a civilização finge não existirem. Quintana insere-se numa tendência da literatura contemporânea de desmascarar a *sombra materna*: a mãe não é apenas a fonte de carinho infinito,

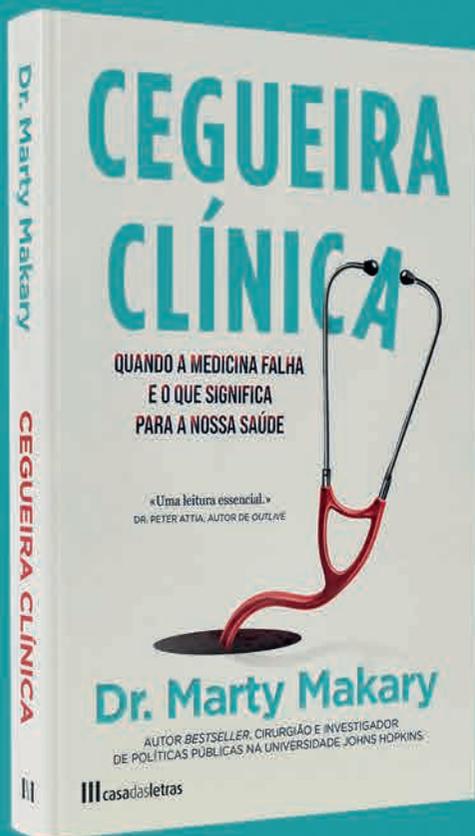
mas também alguém atravessada por impulsos sombrios, pelo cansaço, pela raiva. Nesse sentido, *A Cadela* dialoga com **Ferrante** – Leda, em ***História da Menina Perdida***, comete o ato aparentemente “monstruoso” de roubar a boneca de uma menina cuja mãe jovem ela observa; é um gesto simbólico de agressão, nascido de sentimentos inconfessáveis de inveja e identificação. Ambas as obras lidam com a possibilidade da “mãe má” não como aberração caricatural, mas como potencial latente em qualquer mulher submetida a pressões extremas. Damaris, consumida pelo desejo impossível de ser mãe, acaba por encarnar essa figura perturbadora – uma versão distorcida da mãe, em que o instinto de cuidado vira destrutividade. A literatura expõe assim a violência contida no mito da maternidade perfeita: quando se espera da mulher um amor absoluto e abnegação sem fim, ignora-se o custo psíquico disso. O resultado pode ser justamente a emergência do “monstro” interior de que fala Quintana, metáfora para a explosão de dor e ira resultante das fissuras dessa idealização. A violência pode também manifestar-se de forma indireta, através de ausências e silêncios que marcam os filhos. **Rachel Cusk**, no seu romance experimental ***Desfile (Parade)***, apresenta vinhetas que interrogam as convenções familiares. Numa dessas histórias entrelaçadas, vemos o efeito *post mortem* de uma maternidade falhada: «Quando uma mulher morre, os seus filhos confrontam o seu legado: as histórias que contou, o papel que lhes atribuiu, as formas

como os privou do seu amor. A sua morte é uma espécie de liberdade». A frase é dura e reveladora – a ausência final da mãe surge quase como alívio, pois em vida ela exercera uma *violência simbólica*, ao privar os filhos de afeto. Cusk aborda aqui a figura da mãe como potência ambivalente, cuja sombra se estende sobre os filhos mesmo após desaparecer. A “libertação” que chega com a morte materna indica quão opressiva aquela presença era. O amor materno, quando escasso, converte-se em trauma; e a falta (a *ausência devastadora*) torna-se uma forma de violência emocional.

Esse é um tema que ressoa na obra de **Deborah Levy**, especialmente na sua trilogia de memórias. Em ***Coisas que Não Quero Saber*** e ***O Custo de Vida***, Levy reflete sobre o legado da sua própria mãe (que morre de cancro) e sobre o que significa ser mãe de duas filhas enquanto tenta reinventar-se após o divórcio. Há uma consciência aguda, nos escritos de Levy, de que as mães delegam histórias e expectativas aos filhos – algumas libertadoras, outras castradoras. Certa passagem de Levy questiona: «O que significa ser livre – como artista, mulher, mãe ou filha? E qual o preço dessa liberdade?». Essa interrogação atravessa a sua trilogia de memórias: Levy narra como abriu mão do conforto doméstico tradicional – deixando de ser esposa, rompendo a família nuclear – para salvar a sua identidade criativa e pessoal, mesmo que isso implicasse dor para si e mudanças para as filhas. A sua escrita revela a tensão entre o dever materno e o desejo de liberdade: ao cuidar da mãe moribunda e simultaneamente

sair de um casamento, Levy vivencia a maternidade no seu extremo de presença e perda, de vínculo e rutura. Ela constata, como Beauvoir, que a sociedade espera da mãe um sacrifício quase total de si – e a decisão de recusar esse destino vem acompanhada de culpa e julgamento. Mas, ao mesmo tempo, Levy sugere que só ao «exilar-se do papel de boa mãe» é que uma mulher se pode reencontrar como sujeito inteiro. Em ***O Custo de Vida***, a autora descreve a construção de uma nova vida ao lado das filhas, no meio de dificuldades materiais, mas com a convicção de que é preciso «enterrar a esposa ideal para que a mulher possa viver» – um gesto que lembra a proposta radical de Beauvoir de destruir o mito da maternidade sagrada. Levy não abandona as filhas, como Leda fez; porém, ao narrar as suas memórias, expõe as pequenas violências quotidianas que uma mulher sofre ao ser reduzida à função maternal (por exemplo, quando era tratada apenas como “esposa” sem nome próprio). A sua escrita procura resgatar a voz da mãe enquanto indivíduo. Nesse sentido, Levy oferece um contraponto esperançoso: mesmo reconhecendo a maternidade como terreno árduo, aposta na possibilidade de reinventar as relações familiares de forma mais livre e igualitária, ainda que isso passe pela quebra dos modelos tradicionais.

Estes livros mostram-nos como a mãe raramente é a figura serena e abnegada dos clichês, mas sim um ser humano em conflito, cujas emoções oscilam entre o amor e a recusa, a presença e a fuga. ■



NOVIDADE
Saúde e Bem-Estar



**E se a medicina estiver doente?
Descubra como proteger a sua
saúde dos que ninguém vê**

«Este livro é um convite para despertarmos...
uma leitura essencial para quem deseja compreender
as armadilhas da medicina moderna e o caminho para uma
abordagem mais eficaz e compassiva dos cuidados de saúde.»

DR. PETER ATTIA, MD, AUTOR *BESTSELLER*
DO *NEW YORK TIMES* DE *OUTLIVE*



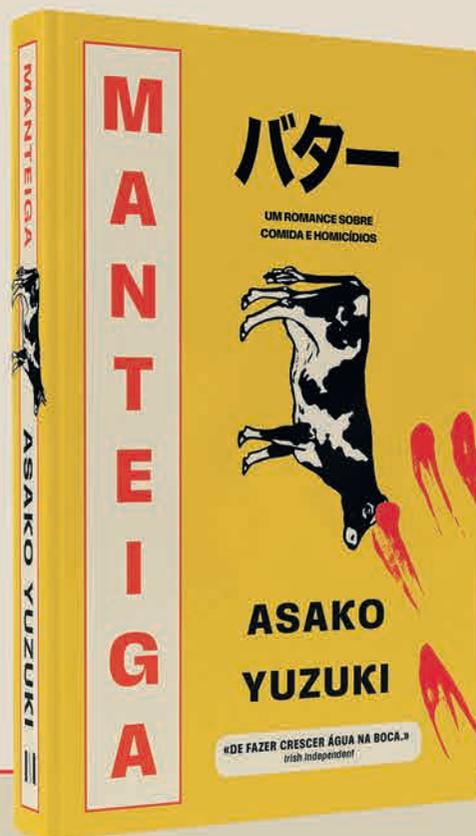
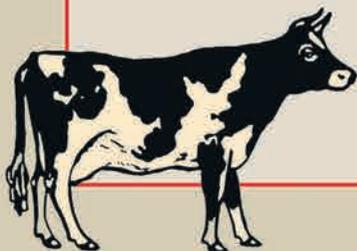
leYa
casadasletras

NOVIDADE
Ficção

**Um prato servido frio:
alta gastronomia e assassinatos
numa combinação irresistível**

«Asako Yuzuki transformou [*Manteiga*]
não só num fascinante quebra-cabeças psicológico,
como também numa denúncia condenatória
da misoginia e da gordofobia japonesas.»

NEW YORK TIMES



GUIA DE SOBREVIVÊNCIA PARA LEITORES NA PRIMAVERA

Zé Livreiro

@confissõesdulivreiro

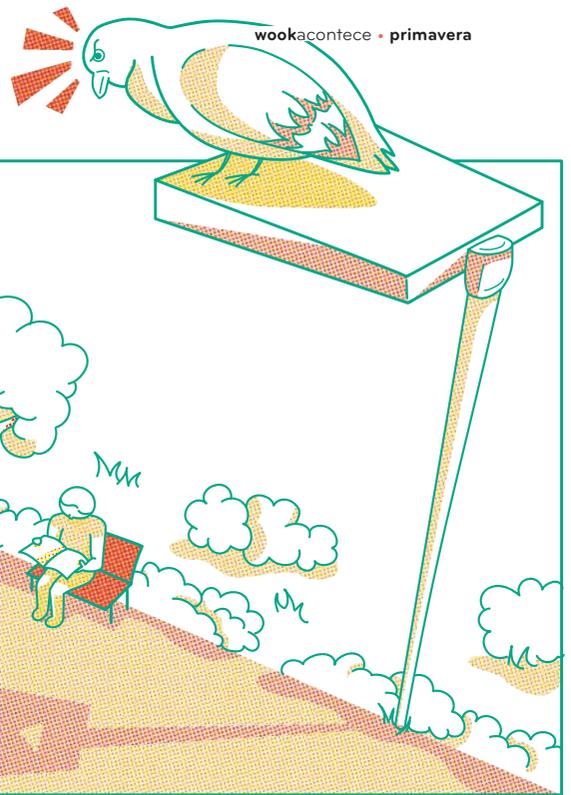
A primavera é traiçoeira. Enquanto o mundo se enche de flores, passarinhos a cantar e pores do sol cinematográficos, o leitor bem-intencionado pode dar por si à beira de um ataque de nervos. Esta estação parece feita para os livros, mas nem tudo é o que parece. Pouca gente sabe, mas ler nesta altura do ano pode transformar-se numa prova de resistência. Garanto-lhe que, se seguir este guia à risca, tem boas hipóteses de chegar ao verão em segurança.



Ler em sítios bonitos pode fazer mal à saúde

As cidades estão cheias de armadilhas: bancos de jardim desconfortáveis, relvados esburacados, casais aos beijos e crianças aos berros. Já me aconteceu sair num dia de sol, livro debaixo do braço e a esperança de conseguir ler alguma coisa. Escolhi um desses bancos de jardim, pintados de verde-escuro, e, mal me sentei e abri o livro, fui traído pelas ripas de madeira que me roeram as costas. A meio do prólogo, soltei um grito de dor que mais parecia o grasnido de uma gaivota. Fiquei durante horas na mesma posição, não pela brisa agradável nem pelo enredo, mas porque não passou vivalma que me levasse ao osteopata mais próximo.

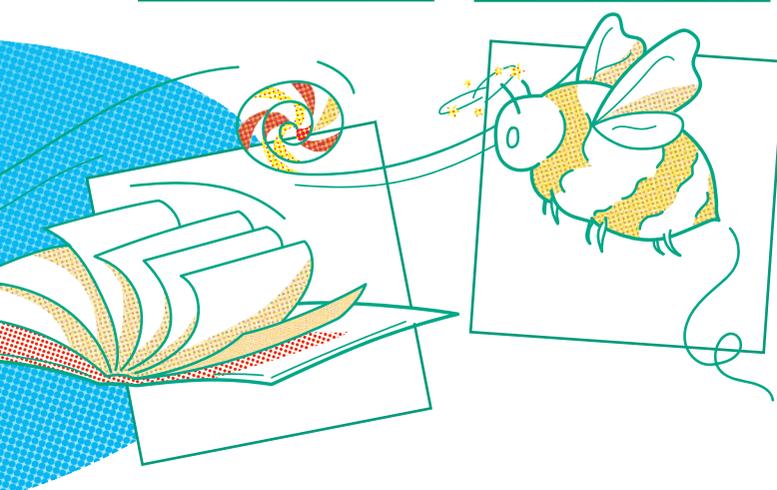
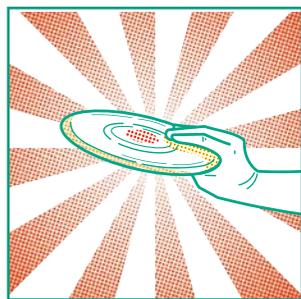
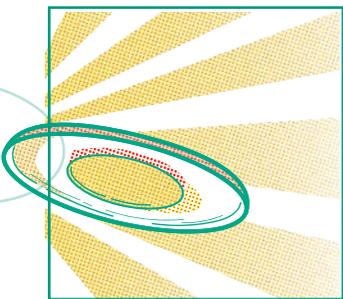
Com o calor a subir e os dias a ficarem maiores, é fácil cair na tentação da primavera. Uma árvore florida, um banco com vista para o rio, um recanto sossegado, tudo parece perfeito. Não caia nesse erro clássico. A primavera engana. Muitos desses locais idílicos escondem perigos. Pela sua saúde, teste bem o território antes de abrir o livro. Há sombra suficiente? O vento não vira as páginas? Está alguém a jogar *frisbee* por perto? Tenha cuidado, a beleza encanta, mas o silêncio é sagrado e raro. Às vezes, é preferível escolher um sítio feio mas calmo a um paraíso tumultuoso. Lembra-se do que aconteceu ao Adão e à Eva no jardim do Éden? Pois, não correu muito bem. Ler em comunhão com a Natureza exige mais preparação do que parece.



Cuidado com companhias indesejadas

Não é só o corpo de um leitor que sofre nesta estação do ano. A nossa saúde mental também se ressent. Se está a pensar ler um romance cheio de beijos e abraços, amor e finais felizes, tenha cuidado com as abelhas. Elas não resistem a coisas doces, venham elas de onde vierem, e fazem tudo o que podem para entrar na colmeia de barriga cheia. Às vezes, falham o alvo e ferram-nos num braço ou numa perna, quando a ideia era apenas provar o livro. Há abelhas azelhas.

Os pombos são outra praga literária. Toda a gente sabe que andam numa busca incessante por migalhas, e isso não faz mal a ninguém. Não é defeito, é feito. Mas estes "ratos alados" têm uma paixão secreta: adoram fazer crítica literária. Só que não é uma crítica feita com palavras, é mais fisiológica. Escatológica, até. Nunca ande com o título de uma obra à vista, porque pode dar-se o caso de estar um pombo nas redondezas que não aprecie o género. Se tiver esse azar, é muito provável que ele levante voo e faça crítica literária em si e no seu livro. Na minha adolescência, vivia um pombo no parapeito do prédio em frente e que, descobri mais tarde, abominava autores existencialistas, o tipo de leitura que mais me fascinava na altura. Resultado: todos os livros que tenho do **Camus**, do **Kafka** e do **Dostoiévski** estão manchados pela crítica impiedosa daquele pombo, um defensor aguerrido do realismo mágico.



Mas nenhum animal se compara ao verdadeiro predador do leitor, o ser humano. Sartre não exagerou quando disse que o inferno são os outros. Se tencionava aproveitar a primavera para apanhar sol e ler, esteja atento. Há criaturas que parecem existir só para sabotar a paz alheia. Vai sempre aparecer alguém que não resiste a perguntar o que está a ler, apenas para comparar o enredo do seu livro à última novela que viu na televisão. Também não faltam os que, ao vê-lo concentrado, sentem uma urgência inexplicável de lhe perguntar as horas. E claro, há sempre aquele indivíduo que, mesmo com dezenas de bancos vazios à disposição, escolhe sentar-se no seu, a escassos centímetros, e enceta um monólogo sobre a própria vida, desde a infância até àquele momento, confundindo o banco de jardim com um divã, sem perceber que o único discurso permitido é o do narrador do livro.



Dias bonitos merecem versos bonitos

Poucas sensações superam a de assistir ao pôr do sol com um livro na mão. Aquele instante em que a noite começa a ganhar terreno e os últimos raios de sol pintam o céu de tons dourados merece ser vivido com um livro ao lado. Nessas horas, um romance pode não ser a leitura mais apropriada. O melhor é levar poesia. Os poemas são uma tecnologia ancestral que o ser humano inventou para tentar parar o tempo. Com eles, conseguimos nomear o que não tem nome e dar forma a sentimentos que mal conseguimos entender. Há muitos poetas que rimam com primavera. A minha favorita é a Adília Lopes. A escrita dela é simples e pueril, mas carrega o mundo em cada verso. Os poemas são curtos e têm o magnetismo das flores. São discretos, mas ninguém passa por eles sem olhar pelo menos uma vez. Na poesia de Adília há uma ironia tímida que se instala em nós e fica para sempre. Para mim, a primavera sem **Adília Lopes** não merece ser vivida.

André Tecedeiro é outro poeta perfeito para ler nesta altura, porque escreve como quem borda com luz. Fala do amor, do corpo e da nossa fragilidade com uma delicadeza feroz. Os seus poemas são ideais para os dias em que a primavera nos torna mais sensíveis e atentos à beleza das coisas aparentemente insignificantes.

Mas, se o que procura são poemas cheios de mar e Natureza, só existe um caminho: **Sophia**. A sua poesia tem o sal do mar e o silêncio das montanhas. Lê-la é como caminhar junto ao oceano num «dia inicial



inteiro e limpo», em que não é preciso entender tudo para sentir que estamos onde devíamos estar. Ela escreve como quem vê tudo pela primeira vez e, ao mesmo tempo, como quem já sabe de cor o movimento das marés. A sua obra é um calendário das estações, e a primavera, nos versos de Sophia, ganha outra intensidade.



Aproveite para chorar à vontade

De certeza que a maior parte dos leitores já se viu, pelo menos uma vez, numa carruagem do metro ou numa esplanada de café, com as lágrimas a escorrer pelo rosto devido a um livro. Às vezes, uma história apanha-nos de surpresa, e, quando damos conta, uma multidão está à nossa volta a perguntar-nos se está tudo bem.

«Precisa que chame uma ambulância?»

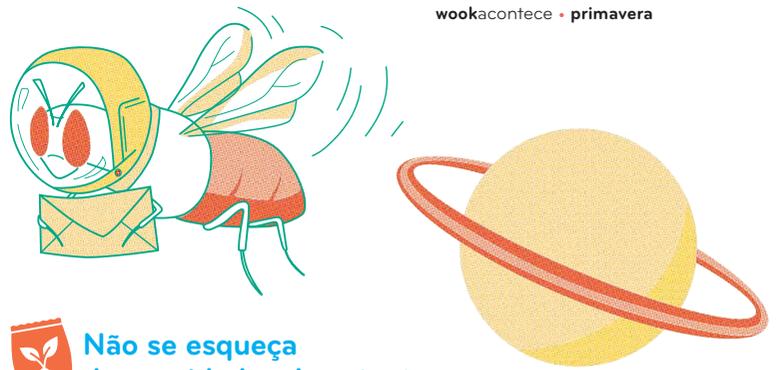
Já me aconteceu algumas vezes, e responder com a verdade raramente ajuda. Quando digo algo como «Estou a chorar porque este livro é muito bonito» ou «Esta história matou-me por dentro», a pessoa do outro lado faz cara de caso e torce o nariz.

«Pode dizer a verdade?».

Perante uma situação destas, o melhor é mentir.

E a primavera tem uma desculpa perfeita: o pólen no ar. Quando alguém vier ter consigo, olhe a pessoa nos olhos e diga sem hesitar: «Sofro muito com as alergias». A primavera é a estação ideal para chorar em público com um livro sem se sentir culpado. Quer sugestões de livros que destroem corações? Eu dou-lhe duas.

Para Acabar de Vez com Eddy Bellegueule, de **Édouard Louis**, combina uma escrita brilhante com uma história tão forte que resolve, de uma vez por todas, a retenção de líquidos que afeta grande parte da população. Baseado na juventude do autor, o livro narra a vida de um rapaz que sofre por ser diferente dos outros. O meio em que vive oprime-o, e ele sente-se forçado a fugir de casa e do mundo que conhece, em busca de autocompreensão. Se for fã de distopias, experimente **A Estrada**, de **Cormac McCarthy**. É sobre um pai e um filho que vivem num cenário apocalíptico e dependem um do outro para sobreviver, com o mundo a conspirar para os separar. A escrita é crua e poética, como se o fim do mundo tivesse aprendido a sussurrar.

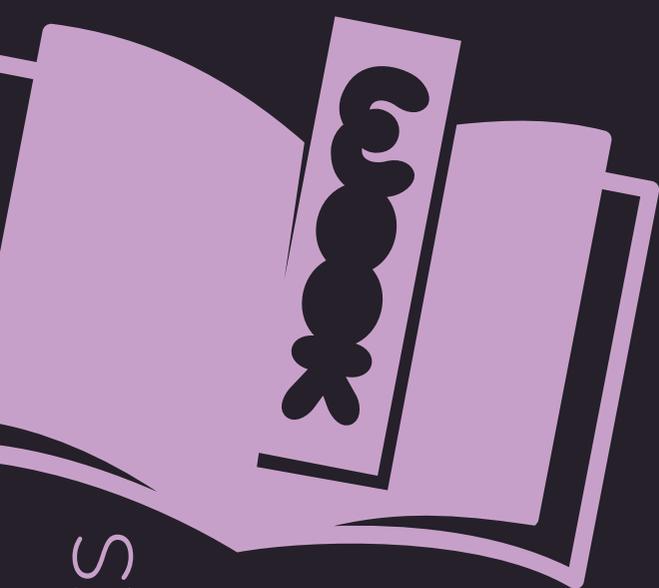


Não se esqueça das novidades da estação

À medida que a primavera floresce nas livrarias, nada como explorar novas leituras. Os clássicos costumam ser escolhas seguras, mas também é bom arriscar em livros que desafiem os nossos gostos. Para quem procura algo fresco e desafiador, que misture humor, ensaio e reflexões sobre a nossa natureza, **A Arte de Coleccionar Moscas** é a escolha certa. Partindo de um tema insólito, o mundo das moscas, **Fredrik Sjöberg** constrói uma meditação sobre como o desejo de colecionar pode dar sentido ao caos da vida. A meio caminho entre memórias, história natural e reflexão filosófica, o autor sueco escreve com leveza sobre a lentidão, a beleza da espera e a obsessão tranquila daqueles que observam o mundo em detalhe.

Entre os 20 e os 24 anos, **Miguel Esteves Cardoso** escreveu quase todos os dias a um amigo que vivia na Vila Berta, em Lisboa. Do outro lado, em Manchester, onde estudava, não recebeu uma única resposta. Ainda assim, continuou a escrever, como sempre fez e sempre faria. Essas cartas inéditas, agora reunidas em **Cartas para a Vila Berta**, mostram um jovem brilhante e desbocado, com sede de pensamento, polémica e pertença. Neste livro, vislumbramos o início da sua paixão por Portugal, as opiniões políticas provocadoras, a obsessão pelo *kitsch* e relatos de experiências com drogas. Num tom confessional, o livro lê-se como um diário de exílio e um romance de formação. Mais do que cartas a um amigo, são retratos de um Miguel que já era, no fundo, o mesmo de sempre. Em **Orbital**, último vencedor do *Booker Prize*, Samantha Harvey conta-nos a história de seis astronautas que orbitam a Terra numa missão científica, mas acabam por tornar-se observadores da beleza frágil do nosso planeta. Lá de cima, cada dia revela um espetáculo de luz e cor, mas nem a distância os afasta da força da vida cá em baixo. A morte de uma mãe, a saudade de casa, os medos e as memórias tornam-se parte da viagem. E quanto mais longe estão, mais percebem que nunca deixaram verdadeiramente a Terra. Um livro que prova que a primavera está onde um Homem quiser. ■





Uma celebração da literatura emergente em língua portuguesa

Além de sermos a maior livraria *online* portuguesa, procuramos ser um espaço de descoberta de novos autores e de promoção da leitura e da língua portuguesa. A criação do **Prémio Wook Novos Autores** é a nossa forma de contribuir para a descoberta de novos talentos literários, destacando escritores que prometem marcar o futuro da literatura em língua portuguesa. Conheça melhor o prémio, o vencedor e os finalistas da primeira edição.

Que escritores se qualificam para o prémio?

São elegíveis para o prémio novos autores que publicam originalmente em português, independentemente da sua idade ou experiência, com até duas obras de ficção literária editadas em Portugal (em 1.ª edição).

Como se processa a seleção dos finalistas?

Depois de uma pré-seleção inicial por uma comissão de leitura que criámos para o efeito, chegámos a uma *longlist* de 80 títulos. Todos eles ilustram a diversidade, a criatividade e a qualidade da produção literária em língua portuguesa. Destes, são selecionadas as seis obras finalistas.

Como se apura e quando é anunciado o vencedor?

Para apurar o vencedor do prémio, é constituído um júri com três elementos – dois elementos internos da Wook e um externo, que preside, com voto de qualidade. Na edição de 2024, o elemento externo e presidente do júri foi o escritor João Tordo. O anúncio do premiado de 2025 será feito em janeiro de 2026, em cerimónia própria, e posteriormente divulgado através dos meios de comunicação social.

Quem venceu a edição de 2024?

O vencedor da 1.ª edição do Prémio Wook Novos Autores foi o escritor **João Pedro Vala**, cuja entrevista pode ler nas próximas páginas.

A cerimónia de entrega do prémio decorreu no dia 26 de fevereiro, na Fundação de Serralves, no Porto. O evento contou com a presença do autor vencedor e de diversas personalidades do meio literário, e incluiu uma leitura encenada de excertos de *Campo Pequeno*, a obra premiada. A entrega do prémio esteve a cargo de Rui Aragão, diretor da Wook, que participou também na tertúlia que se seguiu, juntamente com o autor e Francisco José Viegas, diretor editorial da Quetzal, que publicou o livro vencedor. João Pedro Vala descreveu *Campo Pequeno* como «a história do Heitor e da Laura, que vão ter um filho e estão muito confusos, como quaisquer pais estarão, e isso vai fazê-los começar a compreender o que falta na sua vida – o nascimento do filho é algo completamente acessório para uma coisa muito maior, que é o nascimento de uma dúvida acerca do que eles são, de facto». Vala sublinhou ainda que «a validação, para um escritor, vem sempre do que faz e do que escreve» e confessou, com humildade: «a minha grande preocupação é só escrever grandes livros – não sou capaz, mas tento».



Os 6 finalistas da edição de 2024

João Pedro Vala, *Campo Pequeno* – Vencedor

João Pedro Vala (Lisboa, 1990) é doutorado em Teoria da Literatura e licenciado em Gestão. Trabalha como crítico literário, revisor e tradutor. Em 2022, estreou-se com *Grande Turismo*, o seu primeiro romance, a que se seguiu *Campo Pequeno*, vencedor do **Prémio Wook Novos Autores**. Acaba de lançar *Dicionário de Proust*, uma obra que oferece uma perspetiva ao mesmo tempo unificada e caleidoscópica da vida e obra do grande romancista e crítico francês.

Campo Pequeno acompanha Heitor e Laura à espera do primeiro filho, e os amigos Gabriel e Mafalda. A estes junta-se um conjunto caótico e inesperado de personagens que incluem, entre outros, uma freira, um conquistador mongol e um jogador de futebol dos campeonatos distritais. Com ironia, o narrador explora a vida interior destas personagens, simultaneamente em busca de si mesmas e em conflito com o mundo que as rodeia.

Stênio Gardel, *A Palavra que Resta*

Nascido no Brasil em 1980, além de ter publicado várias coletâneas de contos, conquistou grande reconhecimento com a sua obra de estreia, *A Palavra Que Resta*. A obra foi semifinalista do Prémio Jabuti, finalista do Prémio São Paulo de Literatura e recebeu o *National Book Award* para a melhor obra traduzida. Esta é a história de uma carta guardada durante mais de cinquenta anos – e jamais lida – e do homem que a carrega. Um romance sobre o poder da palavra e da linguagem, sobre repressão, violência e vergonha, mas acima de tudo sobre a coragem de lhes resistir

Henrique Raposo, *As Três Mortes de Lucas Andrade*

Henrique Raposo (Loures, 1979) é escritor e cronista do *Expresso* e da *Renascença*. É licenciado em História e mestre em Ciência Política. Fez investigação académica, foi editor da revista *Atlântico* e colaborou com o *Público*, o *DN* e o *Independente*. *As Três Mortes de Lucas Andrade* é o seu primeiro romance. Esta é a saga de um jovem que vive em conflito com os códigos masculinos da pobreza, da rua, da fábrica. Fixando-se na segunda metade do século XX, retratando o êxodo rural, os choques entre a cidade e a periferia – e o nascimento dos subúrbios dos anos 60 e 80 –, o autor traça um retrato novo e revolucionário da pobreza.

Marta Hugon, *Souvenir*

Marta Hugon (Lisboa, 1971) tem cinco discos em nome próprio e várias colaborações como cantora e compositora. Escreve para publicidade, é professora na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas e cocriadora do projeto a três vozes *Elas e o Jazz*. Depois de ter publicado o conto «Conceição» na 10.ª edição da *Granta* em Língua Portuguesa, *Souvenir* é o seu primeiro livro.

O livro reúne um conjunto de contos unidos pelo fio da memória e habitados por personagens comuns. Histórias de trauma, redenção e um certo desassombro das quais o leitor não sai indiferente.

Victor Vidal, *Não Há Pássaros Aqui*

Victor Vidal (Rio de Janeiro, 1991) é historiador da arte e doutor em Estudos Críticos das Artes. Publicou diversos textos sobre arte japonesa e trabalhou no setor educativo de museus e centros culturais. O seu primeiro romance, *Não Há Pássaros Aqui*, venceu o Prémio Leya 2023.

O desaparecimento da mãe é o ponto de partida para o regresso de Ana à casa onde passou a infância. É ali que é obrigada a confrontar-se novamente com as feridas do passado. Uma história marcante sobre o modo como aquilo que vivemos na infância determina a nossa vida adulta. ■

Rita Canas Mendes, *Teoria das Catástrofes Elementares*

Formada em Filosofia e pós-graduada em Edição, Rita Canas Mendes (Lisboa, 1984) trabalhou em diversas editoras e atualmente dedica-se à tradução literária e à escrita. Com várias obras publicadas, do guia prático ao livro infantil, estreou-se na literatura com *Teoria das Catástrofes Elementares*. Decorrido entre Lisboa e Cascais nas décadas de 1990 e 2000, este é um romance em estilhaços, um vitral de memórias, traumas e identidades. Uma narrativa que percorre, com humor e ironia, episódios que constituem as vivências das várias gerações de uma família, enquanto revisita a história recente do país.





Entrevista

João Pedro Vala, o vencedor da 1.ª edição do Prémio Wook Novos Autores com *Campo Pequeno*, o seu segundo romance, revela-nos o seu percurso desde que sentiu, aos vinte e poucos anos, uma vontade imensa de escrever. Doutorou-se em Literatura e acaba de lançar o *Dicionário de Proust*, o seu autor favorito. Com ele, aprendeu que «a universalidade se encontra quando mergulhamos a fundo na interioridade de alguém», e é isso que procura ao escrever.

Além dos grandes clássicos, entre as suas influências mais improváveis estão a maneira, «cómica e violenta», como a sua avó conta histórias e a forma como as pessoas conversam em cafés. Ao explorar a universalidade da literatura e a influência das suas próprias vivências, reflete, a partir de si próprio, sobre a sociedade atual e sobre como gosta de ser surpreendido pelas suas personagens porque, de facto, estas desobedecem-lhe. Para Vala, a literatura é uma forma de fugirmos da vida, e, talvez por isso, use o humor «sempre como carro-vassoura, limpando a tragédia». Ao ouvi-lo e lê-lo, comprovamos a singularidade da sua voz literária, que ainda nos trará muito boas surpresas.

Vera Dantas

O que despertou em ti, aos 23 anos, a vontade de escrever?

Comecei a escrever mais por um fascínio pela literatura e por estar à procura de um sítio que fosse meu. Não era uma pulsão por criar, queria pertencer a esse mundo, de alguma forma.

Estudar os grandes clássicos inibiu-te, de alguma forma, de te lançares na escrita?

Comecei a estudar literatura pelos grandes: Dante, Homero, Shakespeare e Proust – o meu autor favorito. Percebi que era muito difícil ser escritor, e esse sonho foi adormecendo. Mas, quando me apercebi de que a ideia de termos de ser os melhores para fazermos o que nos dá gozo é um pouco absurda, tudo se tornou muito mais fácil.

O que te fascina em Proust?

A devoção inegociável pela coisa que ele mais ama, que é a literatura, o compromisso de uma vida inteira com esse animal misterioso, e a capacidade de, com uma elegância extraordinária, escrever frases que captam na perfeição quem eu sou, e isso é bizarro. Dou por mim, muitas vezes, a repeti-lo nos meus livros. É algo um pouco irritante (riso).

Sentes que encontraste a tua voz literária com o teu primeiro romance, *Grande Turismo*?

Não sei se tenho uma voz; acho que tenho muitas, neste exercício de encontrar uma voz verdadeira. As pessoas às vezes falam da literatura como um exercício de sinceridade, e eu não acho que seja isso. Acho que tem a ver com uma verdade que é completamente insincera.

A tua escrita incorpora a comédia de costumes?

Quando estou a escrever, nunca tento criticar os outros ou fazer uma comédia de costumes, no sentido de mostrar a vaidade humana. Todos os defeitos que eu encontro nas personagens do meu livro são defeitos que estão dentro de mim, e, portanto, podem [até] ser tentativas de ridicularizar os outros, mas só porque eu faço parte dos outros com quem gozo.

Quais são os escritores que mais te inspiram?

Quando falo do Proust, há imensas coisas que se aplicam aos meus romances, mas tento abstrair-se disso. O Philip Roth e a Flannery O'Connor são uma influência muito clara na minha escrita. O Simão Lucas Pires, que é um grande amigo meu, foi-me influenciando não na parte da escrita, mas em tudo o resto.





Consegues assinalar três influências improváveis que moldaram a tua escrita?

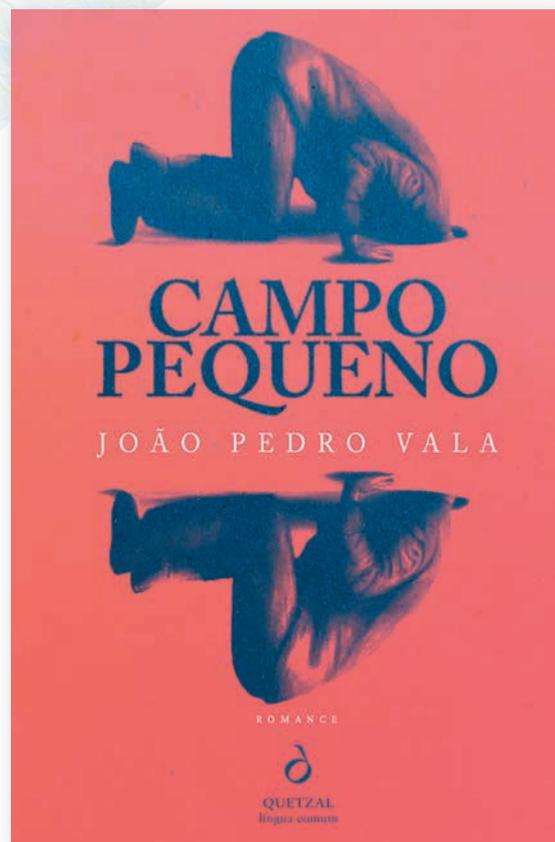
As três influências mais improváveis serão: a maneira, cômica e violenta, como a minha avó conta histórias, que eu tento reproduzir muitas vezes; a forma como as pessoas conversam em cafés – eu tenho-me imposto a obrigação de chegar 20 minutos antes aos sítios e ficar sentado só a ouvi-las a falar; e os posts no Facebook de pessoas indignadas e a falar de futebol (e eu incluo-me nessas pessoas), pela forma como parece haver uma divisão entre “burros” e “génios”, em que os “génios” normalmente somos nós e os “burros” todas as outras pessoas. Isso é muito interessante do ponto de vista literário.

Receber o Prémio Wook trouxe-te um sentimento de validação enquanto autor?

Eu fico contente por ter ganho o prémio, mas fico mais contente pela forma como falaram do livro, porque achei bonito o que disseram. Não considero que haja uma validação, porque a literatura é um sítio para derrotados, e eu acho que sou uma pessoa derrotada; não há nenhum nível de validação que venha de fora que vá satisfazer-me. Agarramo-nos muito às coisas boas que dizem de nós para nos sentirmos validados, ou ignoramos as críticas, ou o contrário. Eu escrevo porque gosto de escrever, e enquanto isso acontecer está tudo bem.

Qual foi a ideia inicial que te levou a escrever *Campo Pequeno*?

Muitas vezes o mais importante na literatura é descobrir a maneira como nos posicionamos em relação a uma história. O *Grande Turismo* era a história na primeira pessoa de alguém que se vê de fora, e eu quis fazer o contrário: contar uma história na terceira pessoa, mas como se a visse por dentro, como se



aquelas personagens fossem simultaneamente diferentes de mim, tivessem outros nomes, mas fossem eu. A ideia de um casal que vai ter um filho parecia-me, em certo sentido, semelhante e diferente de escrever um livro. Depois, como uma intuição, quis saber mais sobre eles, fui-lhes fazendo perguntas – eles não me respondiam –, e lá apareceu uma história.

O enredo destes livros nasceu de uma estrutura com o início e o fim já delineados?

Comecei a construir o início da história com um casal que descobre que vai ter um filho, a pensar sobre o que isso implica, a sentir-se completamente desamparado e, de repente, percebi como é que acabava. Em literatura, não há uma fórmula, um modelo, ninguém em quem nos possamos amparar, estamos sozinhos. A escrita é um exercício que está constantemente a ensinar-nos a nós próprios a desenvolvê-lo. Eu queria perceber como é que, sabendo o início e o fim, construía uma narrativa longa, qual a maneira lógica de chegar até àquele desfecho tão estranho a partir de um início tão trivial, e foi esse o esforço.

Planeavas juntar tantas personagens à história?

Sou muito racional, exceto quando escrevo. Penso muito na história quando não estou a escrever, mas gosto de ser surpreendido, e a ideia que começou a surgir foi: há duas personagens, a Laura e o Heitor, que estão a olhar para este ponto específico, e a certa altura começamos a ouvir as histórias do Heitor e este refere outra personagem; depois, quando esta conta a história, o centro é outro ponto ao lado, então vamos desviar atenção para lá. E, deste modo, foram aparecendo muitas personagens.

Em *Campo Pequeno*, é o criador que se transforma em personagem ou são estas que se tornam reais para ele?

Nós estamos sempre presos na nossa perspetiva, e há pessoas que acham que vivemos numa espécie de *matrix*, o que tem um fundo da realidade. Não há nenhuma maneira concreta de sabermos se existe outra coisa que não nós mesmos. As personagens, nesse sentido, ganham uma vida tão grande como nós. Por outro lado, por vezes também nos sentimos irrealis, e não sei se eu estou dentro ou fora do livro, assim como as personagens... Essa confusão pode ser enlouquecedora.

A tua literatura reflete a realidade que conheces?

As histórias partem sempre da minha vida, embora eu tente retirar quase todos os elementos que sejam biográficos. Certas coisas que me inspiraram são transformadas de tal maneira que já ninguém as reconheceria. Há este lado de sátira, mas é uma sátira da Vida com maiúscula, de acharmos que sabemos coisas, e a vida insistir subtilmente em negá-las, não nos retirando a convicção de que estamos certos.

Deixas que as tuas personagens te surpreendam?

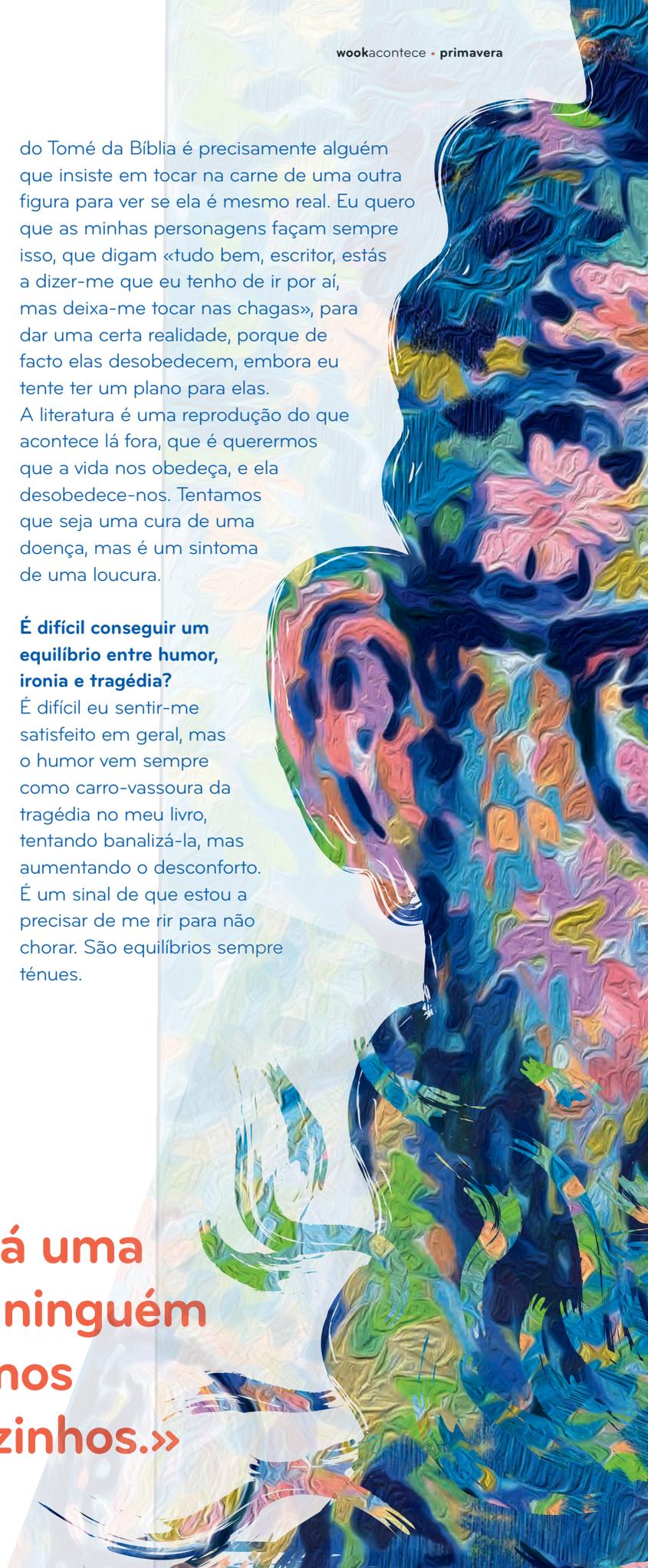
Quando as personagens desobedecem aos narradores, as histórias são muito mais credíveis. Aliás, uma das personagens deste livro chama-se Tomé, e a história

do Tomé da Bíblia é precisamente alguém que insiste em tocar na carne de uma outra figura para ver se ela é mesmo real. Eu quero que as minhas personagens façam sempre isso, que digam «tudo bem, escritor, estás a dizer-me que eu tenho de ir por aí, mas deixa-me tocar nas chagas», para dar uma certa realidade, porque de facto elas desobedecem, embora eu tente ter um plano para elas. A literatura é uma reprodução do que acontece lá fora, que é queremos que a vida nos obedeça, e ela desobedece-nos. Tentamos que seja uma cura de uma doença, mas é um sintoma de uma loucura.

É difícil conseguir um equilíbrio entre humor, ironia e tragédia?

É difícil eu sentir-me satisfeito em geral, mas o humor vem sempre como carro-vassoura da tragédia no meu livro, tentando banalizá-la, mas aumentando o desconforto. É um sinal de que estou a precisar de me rir para não chorar. São equilíbrios sempre ténues.

«Em literatura, não há uma fórmula, um modelo, ninguém em quem nos possamos amparar, estamos sozinhos.»



O vazio existencial sentido por várias personagens de *Campo Pequeno* é um retrato dos nossos dias?

Pode ser, mas incomodam-me escritores que dizem querer ser a voz de uma geração, ou que captam algum tempo específico. Tudo o que a literatura faz é apontar para coisas que estão cá desde sempre. Não acho que o telefone, o Instagram ou o que quer que seja tenham vindo a mudar algo no que somos. Talvez captem o nosso tempo, mas em coisas que já existiam antes, e se captam o nosso tempo e descrevem bem uma certa sociedade é só porque eu sou fruto dessa sociedade e estou a tentar descrever-me a mim mesmo. Proust refere que a universalidade se encontra quando mergulhamos a fundo na interioridade de alguém. Se existe alguma universalidade no livro, é completamente involuntária e surge só de um mergulho em profundidade e não de um salto em altura.

Por que dizes no livro que gostas mais da Mafalda do que de outras personagens?

A Mafalda tem uma maneira de estar na vida que é radicalmente diferente da minha, pois está constantemente a sentir coisas, e eu gostava de sentir. Gosto muito dela porque todas as personagens do livro são mais ou menos reproduções de mim próprio, de coisas que vejo em mim de que gosto ou não, e a Mafalda, não, é o outro por excelência. Ela fura esse muro que existe entre mim e o que não consigo compreender, e é para mim o que o Gabriel e o cão do pai da Laura (o Francisco) são para este: seres muito diferentes, mas que aos quais ele se afeiçoa precisamente por isso, e que o deixam comovido, contra a sua vontade.

A forma como o Francisco vai deixando as pessoas entrarem no seu mundo reflete a evolução da sociedade portuguesa?

Completamente. Acabo por retratar a sociedade porque sou fruto dessas contradições. O título do livro, *Campo Pequeno*, vem desta ideia de haver um centro na cidade onde as pessoas vão assistir a uma tourada, ou protestar contra touradas, fazem as compras de Natal, assistem a um concerto de uma banda famosa...

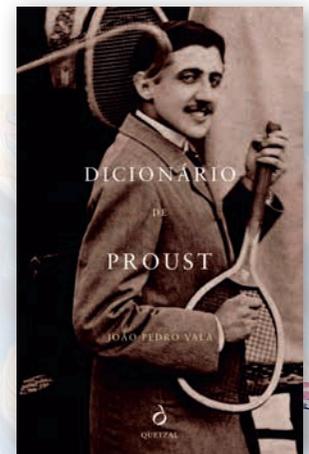
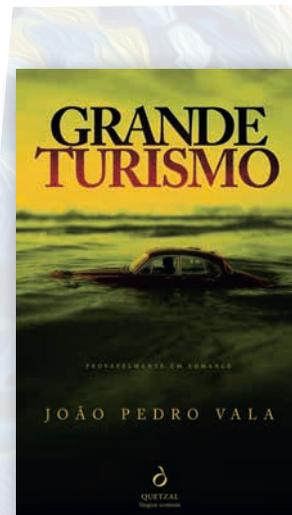
É este polo onde tantas tensões e maneiras diferentes de viver a cidade se cruzam. O Francisco é fruto dessa dessas contradições todas, de se agarrar muito a uma ideia que tem dele próprio, mas que depois é constantemente furada pelo amor aos outros, e ainda bem.

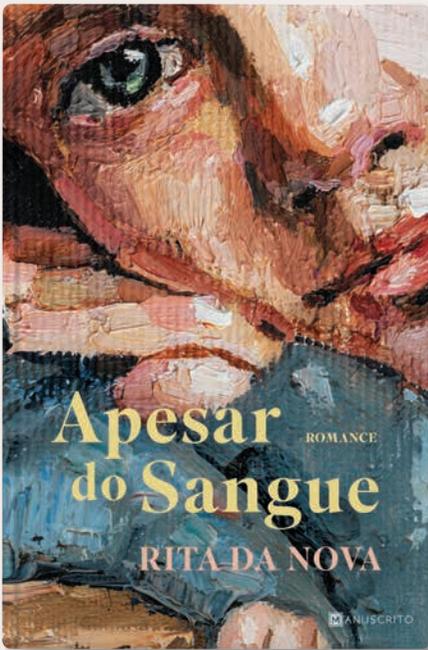
Como conseguiste entrar na cabeça do bebé Tomé?

Quando estava a escrever o livro, fascinava-me olhar para o meu sobrinho bebé e imaginar como ele estaria a ver o mundo. O exercício da literatura é olhar para pessoas e corpos estranhos e pensar como seria estar "dentro" deles, e isso está-se a perder. Parece-me que nós, enquanto sociedade, achamos que, se uma pessoa se comportou de determinada forma, não merece ter subjetividade nem ser entendida, mas antes repudiada.

Sabias qual era a personagem que iria entrar em catarse no final do romance?

É como um sismo e as réplicas: há uma grande explosão e depois tudo à volta começa a explodir aos poucos. Eu sabia que ia haver esse momento final, mas não sabia era que ia acontecer daquela forma. ■



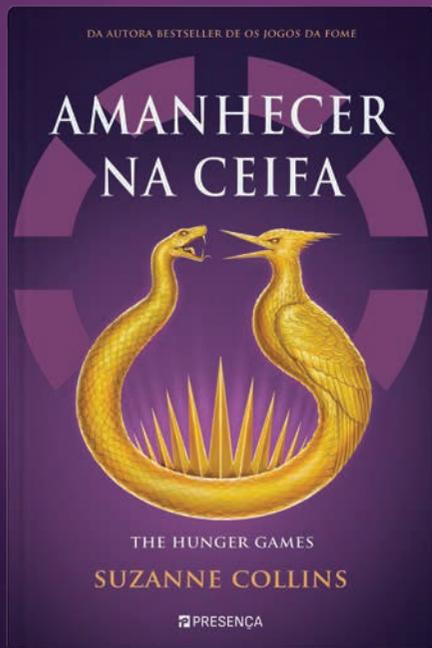


O que resta a uma criança quando todos desistem dela?

Novo romance de
RITA DA NOVA



 ANUSCRITO



QUANDO TUDO O QUE AMAMOS NOS É ROUBADO, RESTA ALGUMA COISA PELA QUAL LUTAR?

.....
A HISTÓRIA NUNCA CONTADA DE OS JOGOS DA FOME



 PRESENÇA

Qual o destino de férias preferido dos clientes da Wook?

Nós dizemos-lhe

Os livros são muitas vezes o início de grandes viagens. Na Wook, as vendas dos guias de viagem são um indicador das preferências dos nossos clientes e, permitam-nos a soberba, dos portugueses em geral. Em 2024, Itália liderou a lista dos sonhos de verão – e não é difícil perceber porquê. Da cidade eterna aos canais de Veneza, das águas de Capri aos sabores da Toscana, ecoam as palavras de Italo Calvino: «A cidade não conta o seu passado, contém-no como as linhas de uma mão.»⁽¹⁾

Este ano, porém, a preferência dos portugueses parece que mudou, não apenas de país, mas também de continente. **Os guias mais vendidos em 2025**, até ao momento, **apontam para o Japão** como o novo destino favorito dos viajantes portugueses. O fascínio pelo Oriente, com a sua estética minimalista e espiritualidade serena, tem inspirado muitos a embarcarmos para Tóquio, Quioto, Osaka, entre outros locais que nos fazem sonhar. A Haruki Murakami, talvez o mais lido dos autores nipónicos em Portugal, é atribuída a seguinte frase: «Se não consegues entender sem uma explicação, então não vais entender com uma». Talvez seja por isso que há tantos a quererem visitar e experienciar o Japão – há coisas que só se compreendem estando lá.

Entre *sushi* e *sakura*, os portugueses parecem ansiar por uma viagem mais introspetiva, em contraste com o hedonismo mediterrânico do verão anterior. Ainda assim, para além do Japão e da Itália, países como Espanha, França ou a Dinamarca continuam populares, alimentando tanto o paladar como a alma, tal como recomendaria Albert Camus: «No meio do inverno, aprendi enfim que havia em mim um verão invencível»⁽²⁾

Os destinos mudam, mas o impulso é o mesmo: o desejo de viver histórias dignas de livro. E enquanto houver páginas a virar, haverá sempre novos mapas para desenhar, mundos para descobrir e personagens para encarnar. Afinal, como escreveu Fernando Pessoa, «Viajar é o melhor modo de fugir de si próprio».⁽³⁾



Quer saber mais sobre o Japão? Comece com estes livros!

A Cidade e as Suas Muralhas Incertas é o livro mais recente de **Haruki Murakami** – o romancista japonês vivo de maior sucesso – e transporta-nos para um estranho mundo surreal. A narrativa desenrola-se em torno de dois jovens apaixonados. Nos seus breves encontros, a jovem revela ao rapaz a existência de uma misteriosa cidade rodeada de uma alta muralha, situada num outro mundo. Quando chega o outono e a rapariga desaparece misteriosamente, o rapaz parte em busca da cidade, na esperança de reencontrar a amada. Quando a encontra, vê-se perante um universo paralelo, em que realidade, sonhos e sombras desafiam a lógica.

Doce Tóquio, de **Durian Sukegawa**, retrata de forma subtil e comovedora a redenção numa sociedade que não perdoa. Sentaro, um homem sem grandes esperanças, trabalha numa loja de *dorayaki* (panquecas recheadas com pasta de feijão) para pagar dívidas. Certa primavera, a chegada de Tokue, uma idosa com um passado marcado pela lepra, transforma a sua vida, ao ensiná-lo a fazer uma pasta de feijão doce tão boa que parece mágica. Com uma escrita delicada, Durian Sukegawa destaca a importância da paciência, da amizade e da busca pela perfeição, celebrando a beleza das coisas simples. Veja também *Uma Pastelaria em Tóquio*, a belíssima adaptação deste romance ao cinema.

O Marinheiro Que Perdeu as Graças do Mar, do icónico **Yukio Mishima**, desenrola-se à volta de Noboru, um adolescente que questiona o mundo e a realidade – com um grupo de amigos que rejeita os valores do



Luis Morais e Vera Dantas

mundo dos adultos –, e Ryuji, um marinheiro que simboliza a libertação e as aventuras. O rapaz fascina-se com as histórias, a coragem e a calma daquele homem. Mas quando o marinheiro desilude os ideais do grupo de Noboru, estes montam um plano de vingança. As partes pungentes do romance sobre uma geração traumatizada pelas consequências da guerra e a procura de beleza e da honra perdidas do Japão são pontos-chave nesta obra literária.

Antes da Despedida é o quarto livro da série *bestseller* mundial *Antes que o Café Arrefeça*. Funiculi Funicula é um centenário café em Tóquio onde, diante de uma chávena de café bem quente, os clientes podem viajar até ao passado e estar com quem amam ou perdoar pessoas que deixaram para trás, mas não sem riscos. Neste volume, o café recebe quatro novos visitantes: um marido que deixou algo muito importante por dizer; uma mulher que não consegue despedir-se do seu cão; uma rapariga que não aceita o pedido de casamento; e uma filha que fez o seu pai afastar-se.

Toshikazu Kawaguchi escreveu esta obra originalmente como peça de teatro, e o primeiro livro já foi adaptado ao cinema. ■

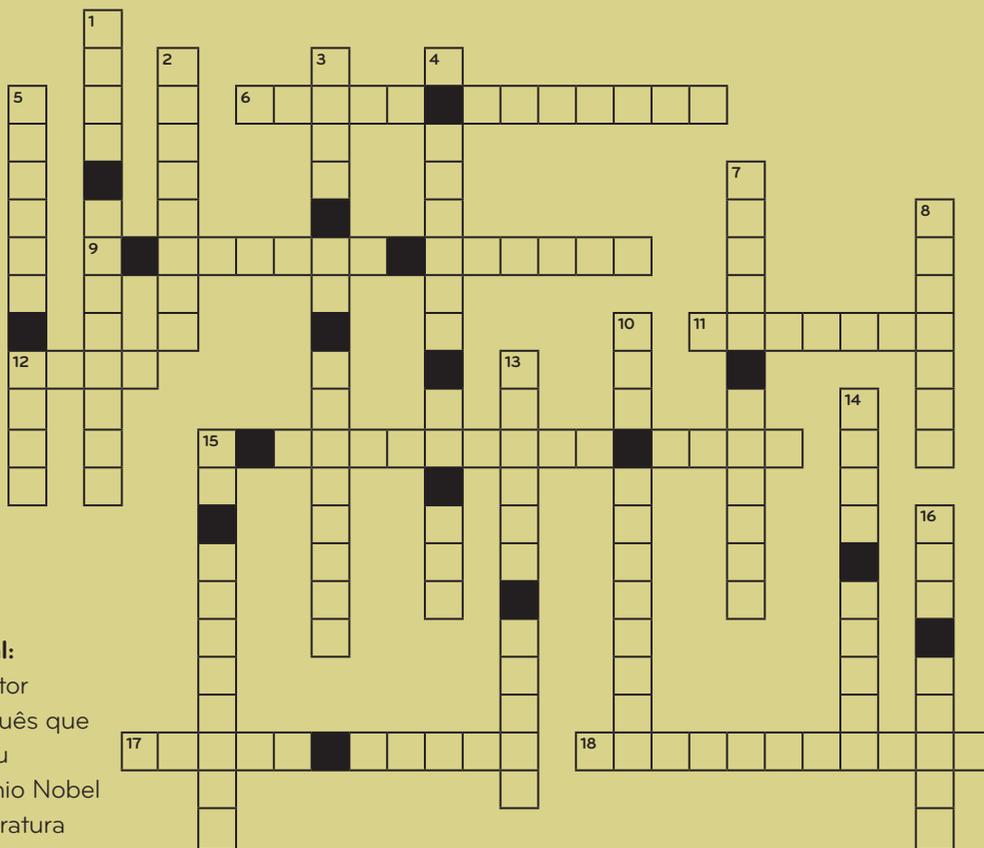
⁽¹⁾ *As Cidades Invisíveis*, Italo Calvino

⁽²⁾ *L'Été*, Albert Camus

⁽³⁾ *Livro do Desassossego*, Fernando Pessoa

C CRUZADOS

LIVROS



Pistas:

Vertical:

1. Escritor português que ganhou o Prémio Nobel da Literatura

2. Obra escrita por Fernando Pessoa, originalmente intitulada *Portugal*

3. Obra mais famosa de Camilo Castelo Branco

4. Primeiro conto infantil de Sophia de Mello Breyner

5. Escritora e poetisa portuguesa conhecida pelas obras *Vem à Quinta-Feira* e *O Vestido de Noiva*

7. Cantautora portuguesa que publicou este ano o seu primeiro romance

8. Nome da saga de fantasia publicada pela autora portuguesa M. G. Ferrey

10. Série, criada por Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, que acompanha 5 jovens

13. Um dos últimos romances publicados por Isabel Stilwell

14. Escritor português que publicou diversas obras, como *Os Dias Contados* e *Cem Anos de Perdão*

15. Obra mais conhecida, e traduzida, de Luís de Camões

16. Poema de Florbela Espanca que deu origem à canção *Perdidamente*, dos Trovante

Horizontal:

6. Nome do segundo livro de João Pedro Vala, vencedor da 1.ª Edição do Prémio Wook Novos Autores

9. Nova obra publicada pela escritora Margarida Rebelo Pinto

11. Obra do escritor e jornalista Rodrigo Guedes de Carvalho, que também é uma espécie de pássaro

12. Primeiro livro de Madalena Sá Fernandes

15. Título do último romance de José Rodrigues dos Santos

17. Escritora das obras *A Costa dos Murmúrios* e *Misericórdia*

18. Título do livro de Rita Canas Mendes, *Teoria das (...) Elementares*

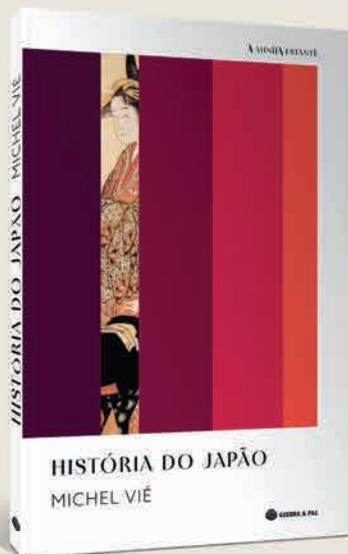
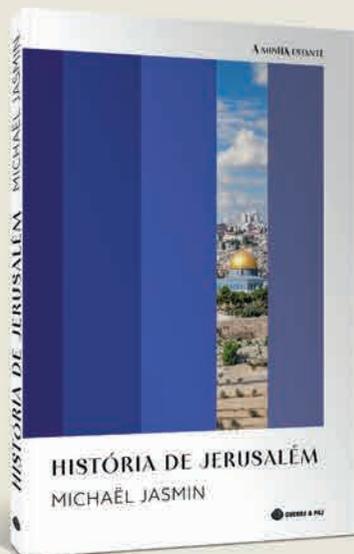
Soluções:

Horizontal:

- 1. José Saramago
- 2. Mensagem
- 3. Amor de Perdição
- 4. A Menina do Mar
- 5. Filipa Leal
- 6. Campo Pequeno
- 7. Luísa Sobral
- 8. Aquorea
- 9. A Grande Ilusão
- 10. Uma Aventura
- 11. Canário
- 12. Leme
- 13. Um dos últimos romances publicados por Isabel Stilwell
- 14. Leonor Teles
- 15. O Protocolo
- 16. Ser Poeta
- 17. Lídia Jorge
- 18. Catastrofes

A MINHA ESTANTE

Contrapondo o saber, a ciência e o mais frutífero diálogo que resulta da exposição clara de factos e ideias ao mundo contemporâneo flagelado pela circulação de *fake news* e de teorias da conspiração derramadas intensivamente por redes e meios sem escrutínio, A MINHA ESTANTE oferece acesso ao conhecimento, apoiando e defendendo o saber histórico, económico, científico e filosófico de prestígio.



Vera Dantas

entrevista



©Jenna Thiam



Luísa Sobral é uma das mais destacadas cantoras e compositoras da nova geração da música portuguesa, tendo levado o seu romantismo aos ouvidos e bocas do mundo com *Amar pelos Dois*, a canção vencedora do Festival Eurovisão da Canção de 2017. Certo dia, sentiu que uma história que a tocou especialmente, a de Maria Feliz, não cabia na canção que lhe dedicou. Precisava de mais espaço, mais tempo. E assim nasceu *Nem Todas as Árvores Morrem de Pé*, o seu primeiro romance.

Partindo de um caso real e trágico para a ficção, a história alterna entre duas protagonistas, Emmi e M., cujas vidas se entrelaçam nos 50 anos mais dolorosos da História recente da Alemanha.

Emmi, nascida nas vésperas da ascensão de Hitler ao poder, perde o pai na guerra e tem uma adolescência difícil, até se apaixonar por Markus, um homem de Berlim Leste. Em pleno auge da Guerra Fria, decide ir viver com ele para a RDA. Mas, quando o Muro de Berlim é erguido, a dor da separação da família deixa-a num abismo sem fundo. M., nascida após a divisão do país, adora o pai, mas sofre com o alheamento da sua mãe. Acreditava viver num mundo socialista perfeito, até as suas convicções se estilhaçarem, lançando-a num caminho com destino ao outro lado do Muro. Mergulhamos, com Luísa Sobral, na sua estreia literária.

Luísa Sobral Nem Todas as Árvores Morrem de Pé

Contas que a história de Maria Feliz não cabia na canção que compuseste. Já tinhas sentido isso antes?

Eu nunca tinha sentido isso com outras histórias. Quando

tenho a ideia de uma história e escrevo uma canção, a história fica resolvida naquela canção, até porque esta, para além da letra, tem a harmonia

e a melodia, que muitas vezes dizem coisas sem palavras. Acho que o que me fez ficar com esta história não foi a história em si, mas a pessoa. Vi várias imagens desta Maria Feliz e havia alguma coisa no olhar dela que me fez querer ir mais fundo, perceber de onde ela veio.

Foi o final trágico daquele casal da vida real, apaixonado, que despertou a tua veia criativa?

O que me inspirou foi o amor entre eles. Gosto muito de situações que têm alguma ironia, e este casal apaixonado ter decidido tirar a vida ao mesmo tempo – sendo que eram conhecidos como “Os Felizes” –, foi algo forte que mexeu comigo. Também encontro alguma beleza no suicídio em casal, ou seja, na ideia de uma pessoa sentir que se este mundo não dá para um, não dá para o outro. Foi esse o meu ponto de partida.

O retiro de escrita que fizeste no Alentejo foi fundamental para conseguires escrever este teu primeiro romance?

Eu tinha escrito umas 10 páginas deste livro, mas precisava de pesquisar muito sobre a antiga Alemanha de Leste para escrevê-lo, o que me deixou um pouco frustrada, e tinha abandonado o projeto. Só quando reli as páginas, passado cerca de um ano, é que voltei a dar-lhes uma oportunidade. O retiro, de três dias, foi mesmo essencial, porque tenho filhos muito pequenos e é difícil ter a disponibilidade mental para mergulhar na vida destas pessoas, organizar-me e fazer a linha do tempo de cada personagem. Depois, pude voltar à vida normal e conseguir encontrar “buraquinhos” de espaço criativo para seguir com a história.

Foste “limpando” os poemas que tinhas escrito inicialmente para o livro até restarem as frases poéticas que intercalam os capítulos. Foi um processo semelhante ao da escrita das letras das tuas canções?

Quando termino um disco, ou quando terminei este livro, durante o processo não estou a pensar no significado das coisas, elas simplesmente estão a acontecer porque eu as sinto. Quando começo a dar entrevistas sobre a obra, começo a questionar-me, porque aí já a estou a ver de fora, já não estou envolvida no processo. Agora, apercebo-me de que talvez esses excertos sejam a parte do livro que faz a ligação entre a cantautora e a escritora; dão um prelúdio do que vai acontecer, e sinto que talvez sejam a versão canção do capítulo que vem a seguir.

Optaste por não revelar o nome de M como forma de manter a curiosidade até ao final?

Mais ou menos. O facto de não sabermos o nome dela foi intencional porque, como ninguém sabia o nome da Maria Feliz antes de ela ter adotado esse nome, eu achei interessante [o leitor] não saber.

Por que decidiste contar a história sob o ponto de vista das diferentes personagens, na primeira pessoa?

Escrevi cada personagem separada da outra: primeiro, a Maria Feliz; depois, a Emmi; depois, o Micha. De seguida, imprimi os capítulos todos. Tinha tudo no chão, ia com o maço de folhas para todo o lado e andava a tentar jogar com aquilo, a tentar perceber o que ia causar ao leitor, conforme mudasse as coisas. Essa parte já foi quase um processo de escrita também em si mesmo, o que foi muito engraçado.



A escolha das cartas como recurso literário foi uma forma de revelares como as personagens se veem em relação aos outros?

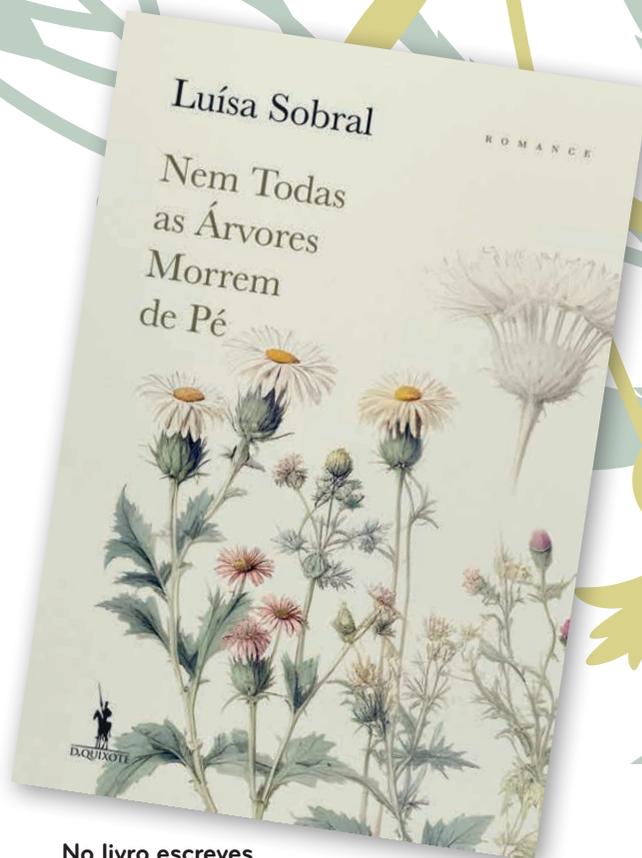
Gosto de livros com cartas, e achei que seria muito interessante conhecermos uma personagem através de cartas, porque a carta não nos mostra tudo. Se eu fosse só um narrador que diz o que está a acontecer àquele homem, seria mais verdadeiro enquanto narrador. Uma carta, não, porque estamos a enviar uma mensagem a alguém. Sabemos o que estamos a escrever, podemos voltar atrás, apagar ou rasgar. É uma coisa muito mais controlada, e eu acho isso interessante nas cartas.

Como é que as tuas viagens enquanto artista influenciaram a tua sensibilidade e compreensão da Alemanha do século XX, incluindo as diferentes e, por vezes, distorcidas visões de cada lado do muro, e os impactos duradouros desse passado?

Já toquei algumas vezes na Alemanha de Leste e já estive noutros países da esfera soviética, e talvez por causa disso consiga sentir um pouco o que era estar ali. É algo muito recente, então ainda há muita coisa daquela época, muitas marcas, sobretudo na arquitetura. Depois de ter acabado de escrever o livro, voltei a Leipzig só para fechar o assunto.

Quando M. chega a Berlim Ocidental, livre, sente-se como se começasse a ouvir o mundo no seu real volume. A literatura tem o poder de combater o esquecimento da História?

Eu acho que a literatura nos ajuda, mais que tudo, a não esquecermos períodos em que vivemos sem liberdade. No ano passado li *A Desobediente*, a biografia da Maria Teresa Horta pela Patrícia Reis, e também *A Revolução*, do Hugo Gonçalves. Para pessoas como eu, que não viveram o 25 de Abril, são livros muito importantes para termos a noção do que já se viveu aqui e da liberdade que não se tinha. Não escrevi este livro com essa intenção de ser bandeira, escrevo porque me apetece escrever. No entanto, acho que é muito importante lermos todos os livros que falam sobre períodos de ditadura e de falta de liberdade, para não cairmos nos mesmos erros, porque tendemos a esquecer-nos, muito rapidamente, do que o ser humano é capaz.



No livro escreves

que «para quem nunca foi livre é difícil sentir-se livre». Qual é a mensagem que esperas que os leitores absorvam no final da leitura?

Lembro-me que, durante a pandemia, diziam na televisão para ficarmos em casa. As pessoas da geração dos meus pais, que viveram o 25 de Abril, saíam e diziam: «Não vou sair, vou só dar um passeio». E aquilo fazia-me muita confusão, mas depois pensei: «Espera aí, estas pessoas viveram sem liberdade!», e alguém vir e dizer que têm de ficar em casa toca-lhes num sítio que nós não sentimos, que é tirar-nos a nossa liberdade.

Isso é muito sensível para as pessoas que viveram sem ela, e é por isso que eu escrevi essa frase no livro. Mesmo para aqueles que viveram sem liberdade, a transição para a liberdade é uma coisa que demora um tempo a assentar, porque uma pessoa que vive privado dela quase não tem noção de que há outra forma de viver. Pessoas que são muitas vezes vítimas de violência doméstica ou de situações extremas acham que aquilo é a normalidade, o que é assustador. Ganhar liberdade é um processo que demora um tempo, porque é nas pequenas grandes coisas que ela se encontra. Para quem viveu sempre com liberdade, é muito mais difícil imaginar uma vida sem ela, e é aqui que entra o poder da literatura. ■

ARGENTINA

Herança, Revolução e Atualidade

Vera Dantas

A literatura argentina é uma das mais ricas, complexas e influentes da América Latina. Marcada por uma constante tensão entre o erudito e o popular, entre o cosmopolitismo de Buenos Aires e as vozes do interior do país, as letras argentinas foram moldadas por figuras como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar e Adolfo Bioy Casares, que representam o seu pilar clássico, e, mais recentemente, por escritores inovadores como Samanta Schweblin ou Pedro Mairal. Desde os jogos labirínticos e metafísicos de Borges até às provocações urbanas e sensuais de escritores contemporâneos, a Argentina tornou-se uma potência literária com ecos em todo o mundo, incluindo Portugal, onde muitos dos seus autores têm sido cada vez mais publicados e lidos.

Os Clássicos

Jorge Luis Borges (1899-1986)

A fundação de um universo literário

Poeta, ensaísta e ficcionista, Jorge Luis Borges é o arquiteto de um dos universos mais originais e influentes da literatura do século XX. O escritor fundou uma literatura em que o conto reina como forma suprema de expressão e onde a imaginação supera a experiência vivida. Bibliotecas infinitas, labirintos, tigres, enciclopédias fictícias, silogismos e bestiários convivem com personagens fascinantes e inesquecíveis.

Obras como **Ficções** (1944) e **O Aleph** (1949) são autênticas cartografias do pensamento, explorando temas como o infinito,

a memória e o tempo — símbolos recorrentes no seu imaginário. Aí encontramos ficções povoadas pelos elementos que farão de Borges uma figura mítica, como os labirintos, os espelhos, as bibliotecas e os tigres. Nas suas histórias, elementos, pessoas e cenários prosaicos são vistos em contextos incomuns e com significados extraordinários, ao mesmo tempo que fenómenos misteriosos e metafísicos se revelam em ambientes quotidianos. A influência de Borges foi ainda determinante para a consolidação do fantástico como género literário moderno, sendo o autor reverenciado por Gabriel García Márquez, Umberto Eco e Italo Calvino.





Julio Cortázar (1914-1984)

O jogo literário

Nascido em Bruxelas e criado na Argentina, Julio Cortázar expandiu os horizontes da literatura latino-americana com o seu estilo único, a sua linguagem lúdica e o seu interesse pela cultura urbana e pelos mecanismos do poder, da arte e do desejo – o que o tornou numa das figuras centrais do *Boom* Latino-Americano da década de 1960.

O seu romance mais famoso, **Rayuela** (o jogo da amarelinha, 1963), rompe com as convenções narrativas ao propor uma leitura em múltiplas ordens. Este relato de amor entre um intelectual argentino no exílio, Horacio Oliveira, e uma misteriosa uruguaia, a Maga, ao acaso das ruas e das pontes de Paris, é um marco inovador na literatura do século XX. Obra lúdica, filosófica, urbana e existencial, convida o leitor a participar ativamente na construção da história.

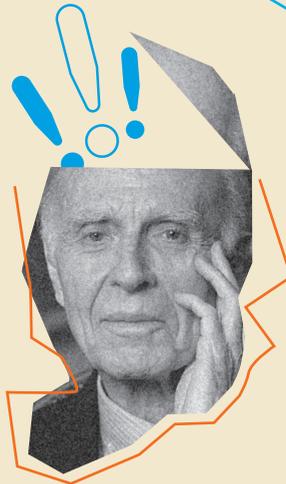
A escrita de Cortázar, profundamente influenciada pelo surrealismo e pelo existencialismo europeus, reflete também um forte compromisso político. O escritor foi um intelectual engajado, defensor da Revolução Cubana e crítico das ditaduras sul-americanas.



Silvina Ocampo (1903-1993)

O maravilhoso grotesco

Rebelde das letras argentinas, esta poeta e artista, e esposa de Bioy Casares, é conhecida pelo seu imaginário inquietante e sofisticado. Silvina construiu uma obra em que a infância, o fantástico e o grotesco se entrelaçam. A coletânea **A Fúria** (1959) é um dos seus livros mais emblemáticos, com contos em que a crueldade e o insólito emergem de forma subtil e perturbadora. A sua escrita é enigmática, revelando uma sensibilidade aguda para os aspetos sombrios do quotidiano. Colaboradora próxima de Borges e Bioy, e durante muito tempo subestimada, Silvina é hoje reconhecida como uma das grandes escritoras argentinas.



Adolfo Bioy Casares (1914-1999)

A literatura do insólito

Amigo íntimo e colaborador de Borges, Adolfo Bioy Casares destacou-se como autor de narrativas fantásticas, policiais e de ficção científica. **A Invenção de Morel** (1940), considerada a sua obra-prima, mistura ficção científica e filosofia para contar a história de um fugitivo que descobre uma ilha habitada por figuras enigmáticas que se repetem ciclicamente, levando à revelação de uma máquina capaz de reproduzir a realidade.

Outras obras, como **Plano de Evasão** e **Diário da Guerra aos Porcos**, aprofundam a reflexão sobre o controlo mental, a memória e a violência geracional. Bioy Casares combinou imaginação com uma narrativa precisa, em que sobressaem as questões filosóficas e éticas.



Ricardo Piglia (1941-2017)

Narrar para pensar

Romancista, crítico e ensaísta, Ricardo Piglia foi uma figura central da literatura argentina contemporânea. A sua obra, que cruza a narrativa policial, o ensaio literário e a reflexão histórica, tem em **Alvo Noturno** (2010) e **Respiración Artificial** alguns dos seus pontos altos. Piglia explorou a tensão entre ficção e documento, verdade e representação, com uma prosa cerebral, envolvente e profundamente política. A sua contribuição crítica, nomeadamente com **Los Diarios De Emilio Renzi**, é também fundamental para compreender a tradição literária argentina.

Novas vozes: entre o realismo, o sobrenatural e a nostalgia



Mariana Enríquez (n. 1973)

O horror leal

Escritora, jornalista e ativista, Mariana Enríquez escreve contos de terror que mergulham no lado mais obscuro da sociedade argentina contemporânea — da violência urbana às feridas abertas da ditadura. No seu livro mais recente, **Um Lugar Luminoso para Gente Sombria**, reúne 12 contos

intensos, em que o macabro e o sobrenatural se insinuam no cotidiano. Entre fantasmas em bairros de Buenos Aires, aves que foram mulheres e crianças perturbadoras, as histórias exploram o feminino, a família e as marcas da repressão política. Com **A Nossa Parte da Noite**, construiu um romance épico e gótico, numa mescla de gêneros e tradições literárias com personagens que atravessam mundos e submundos. O júri do Prêmio Heralde considerou-o «o novo grande romance latino-americano», na senda de **Rayuela**. O sobrenatural, em Enríquez, surge como metáfora de um real insuportável, numa escrita de impacto colossal.



Selva Almada (n. 1973)

A ruralidade como resistência

Selva Almada é uma das autoras que melhor captam o ambiente do interior argentino e a sua dureza. Com livros como **El Viento que Arrasa** e **Raparigas Mortas**, um livro-reportagem que denuncia o feminicídio na Argentina, a escritora aborda temas como a fé e a violência contra as mulheres, sempre a partir de pequenas comunidades marcadas pela aridez e pelo silêncio. O seu estilo seco e lírico transforma histórias aparentemente pequenas em grandes retratos humanos e sociais.

Almada ganhou destaque com a chamada Trilogia dos Homens, da qual faz parte **Não é um Rio**. Três homens partem para uma pescaria num rio remoto, apesar da memória de um terrível acidente ali ocorrido. Enquanto convivem, lutam com os fantasmas do passado e do presente, paira no ar a ameaça latente de uma nova tragédia. A sua literatura, densa e atmosférica, funde o íntimo com o social e o político.



Samanta Schweblin (n. 1978)

Reinventar a tradição do fantástico

Samanta Schweblin é uma escritora argentina reconhecida internacionalmente pela sua prosa inquietante, concisa e carregada de tensão psicológica. Com uma escrita que oscila entre o realismo perturbador e o fantástico, tornou-se uma das vozes mais originais da literatura contemporânea em língua espanhola.

A sua obra mais conhecida, **Distância de Segurança** (2014) — finalista do *Man Booker International Prize* — é um romance breve e hipnótico que explora a relação entre mães e filhos num ambiente rural contaminado por pesticidas. Com uma aura de estranha ameaça psicológica e realidade de outro mundo, torna-se uma história de fantasmas tensa e inquietante, que foi adaptada ao cinema pela própria Schweblin, com Claudia Llosa, em **O Fio Invisível**. Entre as coletâneas de contos da autora destacam-se **Pássaros na Boca**, em que explora situações bizarras com uma naturalidade desconcertante.





Pedro Mairal (n. 1970)

A ironia melancólica

Com um estilo acessível, irônico e cheio de empatia, o olhar de Pedro Mairal sobre a masculinidade, o desejo e o fracasso moderno conquistou leitores tanto na América Latina como na Europa. O seu romance **A Uruguia** tornou-se um *bestseller* internacional, já adaptado ao cinema. Lucas Pereyra, o protagonista, viaja de barco até ao Uruguai para trocar dinheiro em tempos de restrições cambiais na Argentina. Deslumbrado com a memória de um verão anterior e sobrecarregado por um casamento que está a acabar, sonha em fugir e nunca mais voltar, e tem marcado um encontro secreto. Mas Montevideu, essa cidade idealizada pela distância, tornar-se-á imprevisível... A escrita de Mairal, também poeta e letrista de tango, prima pelo seu humor, nostalgia e crítica social. Com grande sensibilidade, este autor faz um retrato singular da identidade masculina e do seu fracasso nos tempos modernos.



César Aira (n. 1949)

A imaginação ilimitada

Com mais de 100 livros publicados, César Aira é talvez o escritor argentino contemporâneo mais prolífico e mais peculiar. O seu estilo é marcado pela improvisação, humor e filosofia, e as suas obras — curtas, bizarras, imprevisíveis — desafiam qualquer categorização. O seu romance mais recente, **Um Episódio na Vida de Um Pintor Viajante**, funde ficção e História para reinventar a vida do pintor Johann Moritz Rugendas na Argentina. O livro acompanha o sonho obsessivo do artista de captar a vastidão das pampas e retratar a essência do mundo, até que um episódio traumático altera radicalmente a sua visão e o seu corpo. Uma espécie de biografia que é uma meditação literária sobre a beleza, a experiência e o impulso artístico, consolidando o lugar de Aira como um dos grandes inovadores da narrativa latino-americana.



Camila Sosa Villada (n. 1982)

Corpos, culpa e rebelião

Escritora e atriz argentina, Camila Sosa Villada tornou-se um fenómeno literário com o romance **As Malditas** (2019), uma obra autobiográfica e ficcional que dá visibilidade à experiência de mulheres *trans* na marginalidade, com lirismo, dureza e uma beleza crua. Aclamado pela crítica e pelo público, foi adaptado para televisão, consolidando o fenómeno em torno da autora.

No seu segundo romance, **Tese Sobre Uma Domesticação**, Villada conta a história de uma atriz travesti e um advogado homossexual que adotam uma criança seropositiva, construindo uma vida familiar estável e confortável. O erotismo, a violência e a imensa ternura fortalecem os vínculos que unem o casal, mas ambos vivem acabrunhados pela culpa. Para a atriz (um alter-ego da escritora), esta cedência aos padrões burgueses está nos antípodas da sua antiga existência — boémia, despreocupada e livre. O livro conta com uma adaptação cinematográfica protagonizada por Villada, cuja ousadia continua a expandir os limites da narrativa e da representação.



Invasão das Sara Pais Air Fryers

Trigger warning: Conteúdo sensível para leitores com fome! Antes de começar a leitura, aconselhamos a ter um *snack* consigo.

Oh, sublime máquina que as cozinhas invades,
Sem pedir licença, sem hesitar!

No alto dos balcões, ergues-te em vaidade,
Rainha do tempo, do sabor, do ar!

Douras os sonhos em crosta dourada,
Sem óleo, sem culpa, com sopro leve,

Tornaste-te lenda, glória sagrada,
Com livros que deliciam num ritmo breve.

Ó máquina sábia, estrela encantada,
Que faz do banal um festim divino,

Por ti, repetimos, de forma obstinada,
Cada refeição num doce destino.

Depois de declararmos o nosso amor pela *air fryer*, avançamos para o que realmente interessa? Ao contrário do que pensam, as *air fryers* não servem apenas para fazer batatas fritas sem óleo (apesar de serem deliciosas e extremamente viciantes!). Para lhe garantir cozinhados ao nível de estrela e receitas que dão logo vontade de comer tudo (fazer novamente e voltar a comer sem deixar provas), temos os livros que é obrigatório estarem ao lado da sua *air fryer*.

As entradas são servidas com um toque bem português, com **As Minhas Melhores Receitas na Air Fryer**, de **Sandra Nereu**, mais conhecida por *Panelinha dos Sabores*. As suas criações destacam-se por usar receitas portuguesas, mas com um *twist* saudável e sempre com o sabor no ponto. Um livro completo com receitas básicas e que são perfeitas

às cozinhas portuguesas

para o salvar em casos de fome extrema, pela rapidez e facilidade – afinal, quem não gosta de umas boas batatas fritas caseiras estaladiças com um ovo estrelado? Mas a Sandra cobriu todos os campos e tem sugestões para o pequeno-almoço, para entradas e petiscos, e também pratos de carne, peixe e acompanhamentos para as refeições principais. Claro que um livro de culinária não está completo sem as sobremesas, e as receitas que vai encontrar são de perder todo o controlo que teve até agora – quem não gosta de um *petit gâteau* quentinho? O criador d' *A Pitada do Pai*, **Rui Marques**, não é desconhecido para ninguém, principalmente depois do sucesso do seu livro **Como Fazer Quase Tudo na Air Fryer**. As características das receitas do Rui continuam bem presentes no novo livro – rápidas, fáceis, deliciosas e que sujam pouca loiça. São mais de 100 receitas para variar em todas as refeições. Com sugestões para todos os momentos do dia, incluindo uma receita de *sushi na Air Fryer* – sim sim, é possível e é um caminho sem volta! Mas uma parte que se destaca neste livro são as receitas criadas especificamente para bebés

e ainda sopas saborosas e rápidas para aproveitar mais o tempo a desfrutar da comida e não a fazê-la.

Claro que só podíamos terminar com a cereja no topo do bolo, com **Air Fryer Fácil**, do *superchef* **Jamie Oliver**. Quem lhe disse que os cozinhados na *air fryer* não podiam estar ao nível de estrela Michelin e continuarem a ser acessíveis de fazer?

É isso mesmo que o Jamie faz e de forma brilhante! Deixe que estas receitas, mesmo as mais simples, elevem os seus pratos a um novo patamar, tornando-os em criações deliciosas, vistosas e ousadas! Alguma vez pensou que seria possível fazer um salmão na *air fryer* e ter na mesma um toque de *chef*? Jamie tem uma receita para deslumbrar e impressionar no próximo jantar em sua casa, com um *salmão aromático com molho de pimento vermelho*. Mas não vamos desvendar mais receitas e vamos deixá-lo descobrir tudo o que pode encontrar no novo livro de Oliver, incluindo sucessos do TikTok – *massa com feta e tomate* – e sobremesas que são de comer e chorar por mais!



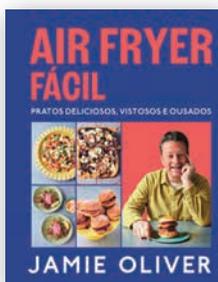
Para lhe abrir, ainda mais, o apetite, deixamos-lhe uma receita bem portuguesa e perfeita para celebrar a época dos Santos Populares, da autoria de Sandra Nereu – **Sardinhas Assadas**:

Ingredientes

- 12 sardinhas
- Sal grosso

Preparação (15 mins.)

1. Lavar as sardinhas e secar com papel de cozinha. Temperar com sal.
2. Pré-aquecer a *air fryer* 3 minutos a 200 °C. Opcionalmente, pode untar com azeite a cesta (ou grelha, se a *air fryer* tiver este acessório).
3. Colocar as sardinhas na cesta (ou grelha), numa camada única.
4. Programar 10 a 12 minutos a 200 °C, virando a meio do tempo para dourar de ambos os lados.
5. Acompanhar com pimentos assados e batata cozida ou a murro. ■



ESTOU VIVO E ESCREVO sol

poema



António Ramos Rosa, *Obra Poética I*, Assírio & Alvim, setembro de 2018, p. 241

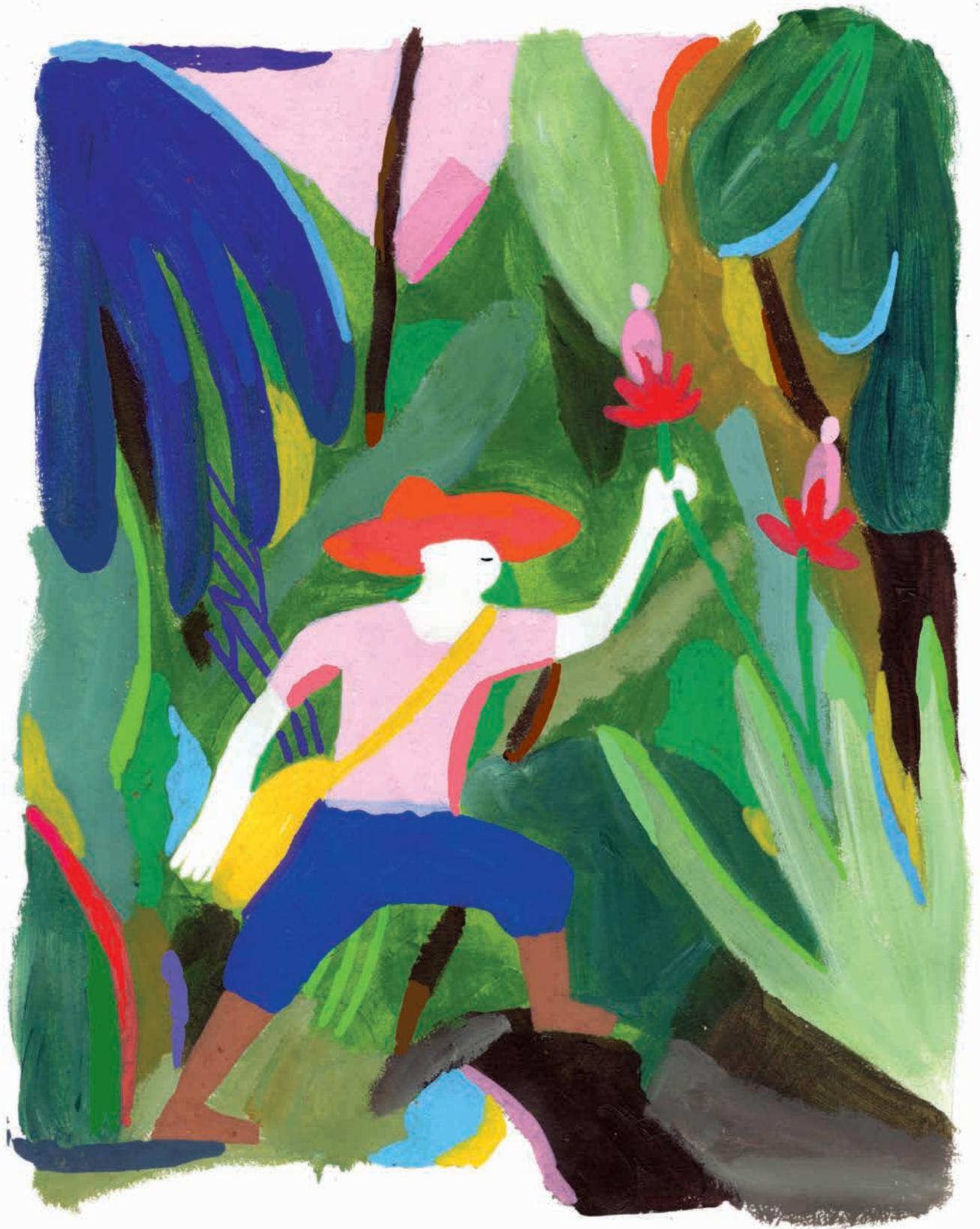
ao Ruy Belo

Escrevo versos ao meio-dia
e a morte ao sol é uma cabeleira
que passa em fios frescos sobre a minha cara de vivo
Estou vivo e escrevo sol

Se as minhas lágrimas e os meus dentes cantam
no vazio fresco
é porque aboli todas as mentiras
e não sou mais que este momento puro
a coincidência perfeita
no acto de escrever e sol

A vertigem única da verdade em riste
a nulidade de todas as próximas paragens
navego para o cimo
tombo na claridade simples
e os objectos atiram suas faces
e na minha língua o sol trepida

Melhor que beber vinho é mais claro
ser no olhar o próprio olhar
a maravilha é este espaço aberto
a rua
um grito
a grande toalha do silêncio verde



© Bernardo P. Carvalho

O novo romance de uma das contadoras
de histórias mais magistrais do nosso tempo.

ISABEL
ALLENDE

O MEU NOME
É EMILIA
DEL VALLE

 Porto
Editora

 Porto
Editora